

Antepassados:

Capitão Joaquim José Teixeira Nogueira, natural de Minas Gerais, casado Com Ângela Isabel Maria de Sousa, foram pais de:

Domingos Teixeira Nogueira, falecido com 82 anos a 10 de abril de 1901, casado com Maria Gertrudes de Camargo, falecida com 76 anos em 30/4/1879, filha do Capitão Inácio Caetano Leme e de Maria de Campos, foram pais de:

Eliseu Teixeira Nogueira casado a 9/10/1860, às 14 horas em casa do Capitão Francisco José de Camargo Andrade (Cap. Chico) com a filha deste e ~~da~~ Maria Cândida Nvais de Camargo. Pais de:

Lupércio Teixeira de Camargo, nascido em 1866 e falecido em São Paulo em 1931. Esteve na Europa por oito anos voltando a Campinas aos 18 de maio de 1882. Neste mesmo ano expos dois quadros de sua autoria, de pintura a óleo. Foi casado com Maria Alves Cardoso, filha de Eleutério Alves Cardoso e Júlia Guilhermia da Silveira. Foram pais de:

Eliseu Teixeira de Camargo, casado com Joaquina Cardoso, tiveram um filho falecido, casado que deixou um filho; uma filha solteira e mais uma filha casada com o médico Dr Anadeu Dalia, sem geração.



Retrato de ^{*Artur*} Lupércio Teixeira de Camargo, a óleo pelo pintor Angelo Cantão, São Paulo 1922, assinatura no canto direito baixo com altura de 068 e ~~altura~~ de largura de ~~0,375~~ 0,97.

CAMARGO - Artur Lupércio Teixeira de Nasceu em Campinas.

Quadros - "Gazeta de Campinas 4/10/1881 e 2/7/1882.

Paisagem e retrato de Garibaldi 2/7/1882.

"O Constitucional" de 2/7/1882: "Aham-se expostos na vitrina do estabelecimento fotográfico dos snrs. H. Rosen & Comp., dois belos quadros a óleo, uma paisagem e Luís XIII de França, ambos devidos ao pincel do jovem e talentoso campineiro Lupércio Teixeira.



Vista da Fazenda Guabirola

Ramo da arte: pintura a óleo.

Dimensões:

Época.

Autor da obra: ^{Artur} Lupércio Teixeira de Camargo

Coleção: José Pompeu de Camargo

Observações..

Artur
QUADROS DE LUPÉRCIO TEIXEIRA DE CAMARGO:

Na Fazenda Sant'Ana do Sr. Amadeu Dalia



0,69 de largura por 0,50 - assignatura, canto direito baixo.



0,45 de largura por 0,54 - Assig. canto direito baixo.

Artur
QUADROS DE LAPÉRCIO TEIXEIRA DE CAMARGO:



1 metro de largura por 0,75 de altura. Assinatura, canto direito
baixo.



0,45 de largura por 0,37 de altura; assig. canto esquerdo
baixo.

~~BRASILEIRO - Heráclio da Rocha~~

~~NASCEU EM CAMPINAS~~

~~Teodoro Braga, 48~~

CAMARGO - Beatriz Pompeu de
Teodoro Braga, 48

Nasceu em Campinas

Faleceu em Campinas em
julho de 1980

Laudelino, 512, 519.

"Contemporâneos" por L. Gonzaga Duque, 1929.

Salão Nacional de Belas Artes - Catálogo XLII 1936

Pinacoteca de Estado

"Comercio de São Paulo" de 23/11/1908

"Gazeta Artística" SP dezembro de 1911 e janeiro de 1912

Primeira Exposição Brasileira de Belas Artes - SP - 1911-1912

*"A Cidade" - 28-XII-1907 - aluna da Academia de Belas Artes
do Rio de Janeiro*

CAMARGO

Joaquim Álvaro de Sousa Camargo, nasceu em Campinas
2 quadros em "A Cidade" 31/5/1911.

CAMARGO - Maria Luísa Pompeu de

Exposição de 32 quadros, 22 a óleo e 10 aquarelas. "Gazeta" 11/12/
1910.

Mesma exposição: "A Cidade de 11/12/1910 e 4/12/1910.

"A Tribuna 23/2/1924 e 26/2/ e 29/2/1924.

Teodoro Braga, 157 Pinacoteca do Estado 1^a Exposição Bras, em SP
catálogo 1911 e 1912. Guia Museu Paulista de 1937, pag 77.

Catálogo VII Salão Paulista de Belas Artes, 1940.

Duílio Batistoni Filho - "A Vida Cultural em Campinas Nos AAnos 20"
página 75.

Revisão feita até aqui -

Óleo de J. U. CAMPOS

Jurandir Alvirajara de Campos



Retrato de Monteiro Lobato

Tela de

Coleção da Academia Campinense de
Letras.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.
Campinas - SP.

Cardarelli A. de

n Campinas 2-II-1915
"Contemporaneo"

Colegão da Santa Casa

n^{os} 8, 9, 10, 11, 12, 13, 35, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 52, 53

P I N T O R A L D O C A R D A R E L L I

Nasceu em Campinas e hoje possui um enorme acervo de obras suas espalhadas por pinacotecas públicas e particulares. Tornou-se conhecido bem moço quando, depois de sua primeira exposição, foi procurado no Centro de Ciências pelo grande e renomado pintor brasileiro Pedro Alexandrino, para abraçá-lo, "impressionadíssimo com a beleza de linhas, a segurança de traços, a expressão e equilíbrio de um quadro intitulado "Canto do Paiol". Cardarelli é professor e produtor do que há de mais valioso no campo da pintura entre os seus contemporâneos.



Nº 382 - "Chafariz de Marília"

Dimensões com moldura: alt. 0,34; larg. 0,43; prof 0,04.

Material: Óleo em madeira.

Exterior: cores do natural.

Época: 1964.

Procedência: coleção José de Castro Mendes.

Origem: obra do pintor Prof. Aldo Cardarelli.

Ofertante: adquirido pelo Museu.

Observações do Museu:

CARDARELLI,

Homem - símbolo da Pintura em Campinas

Texto Oswaldo A. Urban

ANO 1936 — AMBIENTE: o antigo Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Alguém procurando alguém para um abraço bem forte, após uma copiosa e memorável exposição de obras artísticas... Pedro Alexandrino, o grande pintor brasileiro, impressionadíssimo com a beleza de linhas, a segurança de traços, a expressão e equilíbrio de um quadro intitulado «CANTO DE PAIOL». O autor? Um jovem campineiro que, pela primeira vez, expunha algumas de suas «tentativas»: ALDO CARDARELLI.

Ali estavam, frente a frente, um gigante da pintura clássica; conhecido, renomado, feito na vida, e um pobre rapaz, principalmente ainda, dando seus primeiros passos na difícil arte de «fazer o tempo parar, amarrado nas linhas, cores, luzes e sombras».

Aquêlê abraço, caloroso e amigo, sincero e entusiasmado de uma celebridade a um jovem principiante, foi a mola motivadora que despertou no menino Aldo, a vontade de vencer, de ser alguém no mundo das Artes Plásticas.

Daquêle «Canto de Paiol», arrumado com coisas apanhadas no lixo, e retratado com segurança e firmeza, ao mesmo tempo que com finura, leveza e realismo, se ergueria para as grandes pinceladas de um «Vale da Riqueza», ou um retrato de sua própria Mãe.

O «Canto de Paiol» ficaria gravado perenemente na sua vida. Foi o primeiro. Foi o começo. Foi o primeiro degrau.

PINTOR POR NASCIMENTO

Desde os velhos tempos de grupo escolar, Cardarelli via, ou imaginando algum ambiente adequado. «É assim: o «gostava de rabiscar alguns desenhos», reproduzindo o que pintor nasce como planta agreste, ou como qualquer outra manifestação espontânea da Mãe Natureza». Mas, encontrando esta planta um ambiente propício, cresce e se desenvolve, dando os frutos próprios de sua estirpe. E nisso, o «menino pintor» teve a grande ventura de encontrar um mestre seguro e firme, um entendido e apreciador do assunto, que foi o pintor italiano Luigi Franco, na época residindo em Campinas.

Mestre para o branco passivo da tela, que aos poucos cria vida, no arranjo plástico das variegadas tintas.

Será uma tela, ou uma fotografia?! É o que há de mais genuíno, de mais criador, de mais real e extasiante na maravilhosa arte de pintar.

Um fato curioso aconteceu há pouco tempo com o famoso pintor que engrandece Campinas desde que começou seu trabalho criador: uma entidade alemã, desejosa talvez de pôr à prova o talento do artista, «encomendou-lhe» um quadro em em estilo moderno, prometendo-lhe boa recompensa. Ele, que leva às vezes, anos para terminar uma tela, com todo capricho e desvelo, em três horas «pintou» AQUILO que lhe fôra encomendado.

E o que é melhor: recebeu por «aquilo» que havia assim pintado, a bela importância de Cr\$ 3.000,00 — três mil cruzeiros!!!

OS PRÊMIOS DE SALÕES

Expondo seus quadros de paisagens ou retratos, levantou os mais valiosos prêmios e menções que poderia desejar.

Bastaria citar, entre outros, a Grande Medalha da Academia Brasileira de Letras, com um «Retrato de Major»; o Prêmio «Viagem ao País», do Salão Paulista de Belas Artes, com o «Casarão de Ouro Preto»; a Grande Medalha de Prata, no Salão de Belas Artes de Santos, em 1970, com o belíssimo «Vale da Riqueza», paisagem próxima de Sousa; a Pequena Medalha de Ouro, do Salão Municipal de Belas Artes, de Jaboticabal, com o retrato «Minha Mãe», homenagem à sua progenitora, que mais nos faz pensar numa excelente fotografia. Isto, para citar alguns dos seus muitíssimos prêmios, que de longa data vem merecendo, desde o «Canto do Paiol», em 1936, Prêmio Lino Morganti, no Salão Paulista, em 47, com o realíssimo «Cor-tiço».

E estes são os pequenos prêmios, pois com «Velha Tulinha», nas imediações da Lagôa do Taquaral, obteve, em 1969, a Grande Medalha de Ouro, no Salão Paulista, o maior prêmio que se concede a um pintor ainda em vida!!!

Mas, fora esse pintor italiano, sua grande Mestra foi a própria Natureza; os dons seu Deus deu àquele menino humilde e simples, ele os procurou desenvolver no convívio dos bons artistas, na companhia de apaixonados da pintura como ele também o era.

Bernardino de Sousa Ferreira, Orlando Tarquinio e outros, procuraram orientá-lo nos seus primeiros passos no mundo artístico. E foi nesta convivência, que aprendeu quais os bons caminhos da mais pura Arte Plástica, «néles se conservando até hoje, como «inveterado» auto-didata.

ARTES PLÁSTICAS HOJE EM CAMPINAS

Hoje, Campinas faz muito e cultiva muita coisa a que chamam de Artes Plásticas, e principalmente «Pintura». Basta uma rápida análise das obras inúmeras de Aldo Cardarelli PARA SE COLOCAR CAMPINAS NUM PLANO SINGULAR. Há poucos dias aqui estive, num diálogo franco e sincero, o Diretor da Escola Nacional de Belas Artes, o campineiríssimo GERSON POMPEU PINHEIRO, que demonstrou, numa linguagem fluente e gostosa de se ouvir, o alto valor da verdadeira pintura, e os artificios, camuflagens e outros estratagemas de que se servem alguns, para se «impor» no campo da pintura e outras artes.

A nada disso precisariam recorrer Cardarelli ou Gerson, Alexandrino ou Calixto. O Brasil todo, e inúmeras outras nações do globo se gloriam de possuírem quadros desse grande paisagista e retratista, que tem levantado os prêmios mais valiosos e significativos nas mais diversas e variadas exposições ou nos mais exigentes Salões.

Suíça, Japão, Estados Unidos, Portugal e ultimamente a Alemanha, tornaram-se possuidoras de quadros dos mais diversos tipos, de Cardarelli.

Paisagista incomparável, tem buscado inspiração principalmente nas redondezas de nossa própria cidade, na vizinha localidade de Sousas e nas escarpadas terras de fazendas de Cabras. De vez em quando viaja por esse Brasil afora, à busca de novos motivos para seu mágico pincel. E então se dedica horas e dias a fio, a perpetuar a cena que tem diante dos olhos.

Na policromia de suas tintas, transfere para a tela a visão da natureza que se perde diante dele. E se formos examinar o resultado, ficamos embasbacados pela riqueza de pormenores, pela precisão de traços, pelo realismo extraordinário que sua inspiração criadora transfunde com mão de

E tem mais: agora ainda, em 1971, expondo no Salão Paulista, com outros muitos artistas plásticos, teve sua «PAISAGEM DE SETEMBRO», dos arredores de Sousas, considerada como a «MELHOR OBRA DO SALÃO», levando-se em conta todos os gêneros apresentados, embelezando o «Palácio dos Bandeirantes», do governo do Estado. Além disso, teríamos que falar ainda das classificações «hors concurs», que não são poucas.

Mas cremos ter dado uma pálida idéia do que pode realizar o engenho e o gênio humano no setor inestinguível das «ARTES PLÁSTICAS», principalmente quando topamos com um gigante do estôfo de um ALDO CALDARELLI. Falar em Artes Plásticas em Campinas, e também no Brasil, e deixar na sombra o vulto grandioso desse verdadeiro auto-didata-plástico, seria cometer indesculpável injustiça. — CARDARELLI-CAMPINAS-ARTES PLÁSTICAS será um trinômio que honrará a nossa geração... a nossa cidade... o nosso Brasil!

SÓ PINTURA

Quadros bíblicos pintados em paredes ou tetes de Igrejas ou Catedrais, paisagens ou retratos, desenhos a lápis, crayon, guache, aquarela ou riquíssimos quadros a óleo, fazem de Cardarelli um Artista realizado, consumado, que, por excelência vive de pintura e para a pintura. Apesar de já ter lecionado inclusive na célebre Faculdade de Arquitetura do Mackenzie, o que já bastaria para consagrá-lo como Professor, prefere pintar. E no seu modesto atelier da Rua Conceição, num 2.º andar sem elevador, continua ele a produzir o que há de melhor no gênero «Retrato», como ainda recentemente demonstrou com o magnífico quadro a óleo de D. Antônio M. Alves de Siqueira, DD. Arcebispo Metropolitano e Grão-Chanceler da Universidade Católica de Campinas, óleo há pouco inaugurado na Reitoria da Universidade e que impressiona pela expressão e identidade, tanto quanto a célebre tela «O largo do Boticário», que lhe valeu a Medalha de Prata no Salão Nacional de Belas Artes.

Homens assim honram a terra culta de Campinas.

E, se algum apêlo ousamos fazer, é no sentido de os poderes públicos criarem, na CULTA CIDADE DE CAMPINAS, um SALÃO PERMANENTE, onde possam expor suas obras, expoentes da ARTE como o nosso ALDO CALDARELLI.

Correio Popular

Quinta-feira, 9 de outubro de 1975

NO GIRO DO TEMPO

O DIA A DIA DA CIDADE DE HA TRINTA ANOS NO NOTICIÁRIO DO «CORREIO POPULAR»

No dia 9 de outubro de 1945, entre outras notícias locais, publicava o "Correio" as seguintes:

QUADRO DE MESTRE TITO. RESTAURADO POR CARDARELLI

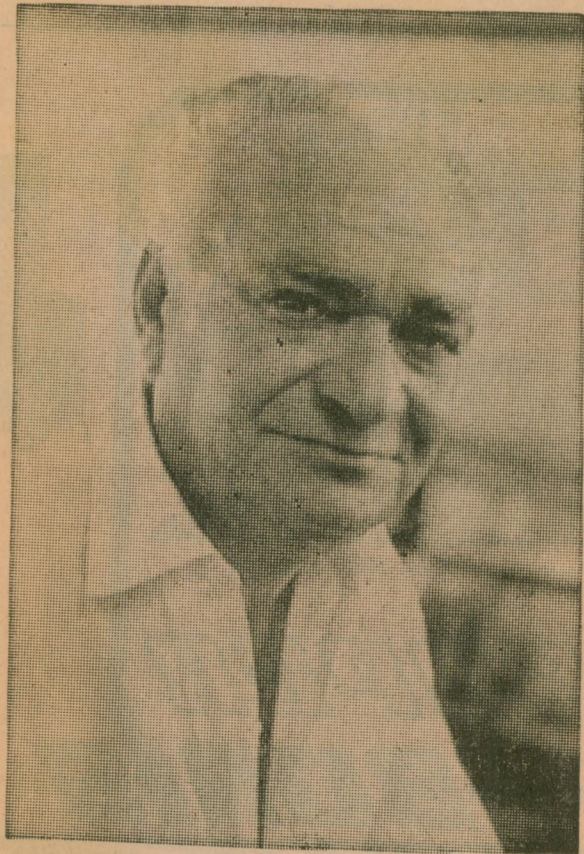
Encontra-se exposto desde ontem numa das vitrinas da Casa Singer um quadro a óleo de Mestre Tito, trabalho êsse do laureado pintor campineiro Aldo Cardarelli. Como sabemos, Mestre Tito, ex-escravo, foi o verdadeiro fundador da Igreja de São Benedito, cujo levantamento iniciou ao lado do que se chamou ao tempo do Império Largo da Alegria e foi Cemitério dos Pretos e viria a chamar-se sucessivamente Largo das Caneleiras e Praça D. Pedro II. Falecido Mestre Tito antes de concluídas as obras da Igreja, coube à piedosa senhora d. Ana Gonzaga levar avante o seu empreendimento. Os quadros de Mestre Tito e de d. Ana Gonzaga foram inaugurados na Igreja de São Benedito pelo saudoso 1.º Bispo de Campinas, Dom Nery, em 17 de junho de 1917. Tendo os referidos quadros sofridos, porém, avarias com o decorrer dos anos, foram ambos confiados ao nosso amigo pintor Aldo Cardarelli para restaurá-los, estando já pronto o do velho preto ex-escravo. A propósito de Mestre Tito, fundador da Igreja de São Benedito, em requerimento feito em seu nome à Câmara, do qual possuímos cópia, solicitara ser sepultado no interior daquele templo. Os nobres edis da Campinas da época se negaram a atender ao pedido. Mestre Tito, bastante velho, faleceu no ano de 1881 e seus restos mortais se encontram algures do Cemitério da Saudade.

MARIANO, O VELHO

"Correio Popular"

**Júri e expositores por unanimidade:
Grande Medalha de Honra à Cardarelli**

Domingo, 8 de outubro de 1978



O laureado pintor campineiro, Aldo Cardarelli, vem de ser galardoado com um prêmio inédito: "Grande Medalha de Honra", que foi outorgada por unanimidade do júri e expositores do XLII Salão Paulista de Belas-Artes, a mostra oficial do Estado.

Além do ineditismo na premiação, Cardarelli teve duas de suas paisagens expostas, premiadas com "aquisição". Honra e glória ao mestre Cardarelli, quem nossa orgulhamos de amizade sincera e desinteressada.

Óleos de

ALDO CARDARELLI

expostos em setembro de 1979, no
Centro de Convivência Cultural em
Campinas.

Correio Popular
4-IX-1979

**Exposição de
Aldo Cardarelli**

O conhecido pintor Aldo Cardarelli estará expondo, a partir de hoje, às 20 horas, no Centro de Convivência Cultural, duzentos trabalhos de seu acervo particular, alguns pertencentes a colecionadores de Campinas e gentilmente cedidos.

Trata-se da primeira exposição individual de Aldo Cardarelli em sua terra natal e estará patrocinada pela Prefeitura Municipal de Campinas. O pintor convida amigos e apreciadores da pintura em geral, lembrando que imprevistos impossibilitaram a confecção e envio de convites individuais.

As artes de luto. Morreu Cardarelli

“Um gênio foi para o céu”. Assim falou Roberto Villas Boas, um grande amigo do artista plástico Aldo Cardarelli, falecido na manhã de ontem, aos 71 anos de idade, vítima de infarto do miocárdio. Seu corpo foi velado na Capela da Saudade e às 10,30 horas de hoje, será sepultado no Cemitério do Parque Flamboyant. Ele deixa mulher, Maria dos Anjos Roselli Cardarelli e dois filhos: Telma e Sandro.

Não só familiares lamentam a sua morte, mas também muitos amigos que em Campinas ele soube muito bem fazer. A sua agonia começou no sábado. Aldo foi levado às pressas ao Hospital Vera Cruz, devido a um princípio de infarto, ficando na UTI - Unidade de Terapia Intensiva - até a manhã de ontem. Após sair da UTI, ele foi levado para o quarto e ao sair do banho, veio a falecer por volta das 12 horas.

A emoção era muito grande durante toda à noite de ontem na sua residência. O telefone não parava de tocar. Eram pessoas apresentando condolências aos familiares. E mesmo a casa estava repleta de amigos particulares. Seus filhos não esperavam a morte dele, nem tão pouco Hugo Gallo, um de seus amigos. “Ele foi um dos maiores retratistas e paisagistas do Brasil e merecedor de todos os prêmios que angariou em vida”, disse Hugo. “Além disso, foi um grande batalhador pela divulgação não só da arte acadêmica, mas também da moderna”.

Autodidata e um campineiro nato, Aldo Cardarelli, deixou muitas obras espalhadas em galerias, museus e casas particulares por todo o Brasil e também no exterior. Ganhou inúmeros prêmios em exposições e salões por todo o País. Diante de toda a sua “obra”, as homenagens que ele recebeu foram muitas. Entre elas, uma está no Centro de Convivência Cultural. Lá, existem três galerias de arte e o Bloco de Entrada, não o maior, mas o mais nobre, leva o nome de

“Aldo Cardarelli”. Segundo Wagner Geribello, assessor de Cultura da Prefeitura, “trata-se de uma homenagem ao maior expoente da arte acadêmica”.

Aldo Cardarelli foi considerado pela crítica especializada como um dos maiores retratistas e paisagistas do Brasil. Ele retratou várias paisagens do litoral paulista, de Ouro Preto e também dos arredores de Campinas. A maioria dos retratos de ex-prefeitos que estão expostos no salão de entrada do Gabinete do Prefeito são de sua autoria. Também juizes da Comarca de Campinas foram seus “modelos”, além de amigos particulares.

Devido ao seu talento e ter um nome já conhecido não só dos meios artísticos como políticos, ultimamente ele só produzia obras sob encomendas. Ele pouco participava de exposições, pois não havia tempo. Mas o seu lado de lutador sempre o acompanhou. Ele e mais outros artistas plásticos se uniram e lutaram pela volta do Salão Acadêmico de Belas Artes, inativo durante doze anos. Foi presidente por dois anos seguidos. E agora, o Salão já caminha “sozinho”, com o apoio de artistas de Campinas.

Ele não foi um agoísta. E o que dizem muitos de seus alunos.

Tudo que ele adquiriu de conhecimento na pintura, procurou transmitir para muitos que o procuravam. A artista Guiomar Diniz é uma pessoa que aprendeu muito com ele. “Meu grande e único mestre”, disse ela. “E como se eu tivesse perdido um pai, já que tudo que sei sobre pintura foi ele quem me ensinou”.

Suas encomendas eram muitas, mas algumas não foram concretizadas. E um importante trabalho felizmente foi concretizado. Trata-se de um retrato do compositor Carlos Gomes. Ele deverá ser enviado à Itália para ser colocado numa Galeria de Arte do Teatro Skala, de Milão, e ficará ao lado de bustos e retratos de grandes gênios da música erudita do mundo.

“Diário do Povo” 16-VIII-1986

O triste adeus ao grande retratista campineiro

O artista plástico Aldo Cardarelli foi sepultado na manhã de ontem, deixando a cidade orfã de um grande nome das artes

Foi sepultado na manhã de ontem, no cemitério do Parque Flamboyant, o artista plástico Aldo Cardarelli, que faleceu na manhã de quinta-feira, vitimado por um infarto do miocárdio, aos 71 anos.

Um forte clima de emoção tomou conta dos inúmeros amigos do artista falecido, durante o velório do corpo, na capela do cemitério da Saudade e em seu sepultamento. Cardarelli deixou viúva Maria dos Anjos Roselli Cardarelli e os filhos: Telma e Sandro.

Conhecido em todo o Brasil como um dos maiores retratistas e paisagistas contemporâneos, Cardarelli deixou extensa obra espalhada por galerias, museus e coleções particulares no País e no mundo. Autodidata, notabilizou-se por retratar paisagens do litoral paulista e de Ouro Preto, em Minas Gerais. Campineiro nato, também realizou diversos trabalhos calçados nos arredores de Campinas.

A maioria dos quadros de expostos no

saguão de entrada do Gabinete do Prefeito por exemplo, são de autoria de Cardarelli. Artista premiado, recebeu inúmeras homenagens dentro e fora do País. Da cidade, recebeu uma galeria, no Centro de Convivência. A mais nobre entre elas, a "Aldo Cardarelli".

Todo seu conhecimento acumulado em sete décadas de existência, o retratista não guardava apenas para si. Procurava sempre passar para as gerações mais novas, experiências e técnicas que só ele possuía. Muitos afirmam que ele é o responsável por toda uma geração de novos pintores.

Cardarelli não pôde concretizar diversas de suas obras. Porém, talvez a mais importante, foi concluída. Um quadro do compositor Carlos Gomes, que deverá ser enviado à galeria do Teatro Scala, em Milão. Um último presente de tão fértil artista, à cidade, retratando um de seus filhos mais famosos e incluindo-o numa galeria entre os grandes da música mundial.



Um grande número de pessoas compareceu ao Cemitério do...



... Parque Flamboyant, para dar o último adeus a Cardarelli

"Livrário do Povo"

16 - VII - 1987

Arte de Cardarelli no Convivência

Recompondo imagens de Aldo Cardarelli é a mostra que reúne 130 obras do falecido pintor campineiro, que acontece de 17 de julho a 9 de agosto nas Galerias "A" e "B" do Centro de Convivência. A mostra tem promoção da Secretaria Municipal de Cultura, e apoio cultural da D. Paschoal e 3M do Brasil Ltda. O horário de funcionamento da galeria é de 3ª a domingo das 14h às 22h.

Os colecionadores que cederam quadros do artista, tornando viável a exposição, são Adelina Rios, João Batista Vieira, Ana Maria Moreira Bento, Nyder Otero, Alberto Piccolotto Naccarato, Otávio Bierrenbach, Luiz Cervoni, Alberto Gallo, Hugo José Pagano Gallo, José Eduardo Chate, Georgina Cardoso Haelvoet, Carmem Virgulino de Oliveira, Dimas Vieira e Oriene Graziane Alberti.

Cardarelli

Aldo Cardarelli, durante muitos anos, manteve atelier romântico no centro da cidade - em um dos mais antigos e bonitos prédios de Campinas, na Conceição esquina de Barão. Sua figura de extremo fascínio completava o ambiente de arte e sensibilidade.

Poucos sabem: na Câmara há uma galeria de ex-presidentes que mostra as fotos de grandes políticos, pintadas pelas mãos de Aldo Cardarelli. Trata-se de um trabalho extraordinário - que revive figuras como Arlindo de Lemos Jr., Luis Signorelli, Jamil Gadia, Adolpho Carlos Guimarães, Pedro de Magalhães Jr. e outros.

"Livrário do Povo" 17.VIII-1986

F
c
d
n
3
d
n
p.
d
c
I
d
ti
e



A viúva Maria Cardarelli e os filhos do artista Aldo, na vernissage

O encanto das obras de Cardarelli em exposição

Numa homenagem ao grande artista campineiro, foi inaugurada na noite de quinta-feira, a mostra "Recompondo Imagens de Aldo Cardarelli", reunindo 130 quadros dos cerca de dois mil trabalhos produzidos pelo artista. A vernissage aconteceu no próprio local da exposição, nas galerias A e B do Centro de Convivência, com um grande número de pessoas que apreciaram as belíssimas obras de Aldo Cardarelli, que faleceu há um ano.

A carreira do artista teve início aos seus 18 anos de idade, com a

orientação do italiano Luiz Franco, residente em Campinas. Logo após riscar seus primeiros ensaios de quadros a óleo, abriram-se as portas das principais galerias, salões e museus. Desde então, seus quadros são muito procurados pela sensibilidade e leveza com que o artista utilizava os pincéis e as cores.

A história de Campinas, teve seu lugar nas obras de Cardarelli, através das paisagens, casarios, assim como naturezas mortas retratadas com harmoniosa perfeição. Entre suas

obras, produzidas durante sua vida, ainda estão murais e afrescos em igrejas. Muitas medalhas e prêmios foram obtidos durante sua carreira e, entre eles, "O Largo do Boticário", representando um marco na história da cidade, que lhe valeu, em 1940, o prêmio no Salão de Belas Artes de São Paulo.

Considerado um dos maiores paisagistas brasileiros e mestre do impressionismo, Cardarelli mostra através de suas obras a natureza em cores exatas e a perfeição nos detalhes. As obras que compõem a mostra "Recompondo Imagens de Aldo Cardarelli", foram difíceis de ser reunidas, uma vez que a maioria de seus quadros pertencem a colecionadores de São Paulo, e muitos deles não se dispuseram a cedê-las.

Os colecionadores que cederam suas obras, viabilizando a mostra, são: Adelina Rios, João Batista Vieira, Ana Maria Moreira Bento, Nyder Otero, Alberto Piccolotto Naccarato, Otávio Bierrenbach, Luiz Cervoni, Alberto Gallo, Hugo José Pagano Gallo, José Eduardo Chate, Georgina Cardoso Haelvoet, Carmen Virgulino de Oliveira, Dimas Vieira e Oriene Graziane Alberti. A exposição permanece nas galerias do Centro de Convivência até o dia 9 de agosto, podendo ser vista de terça-feira a domingo, das 14 às 22 horas.



"Arredores de Joaquim Egidio", uma das obras de Cardarelli

CARDARELLI - Aldo

Exposição de 1979:



Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Joaquim de Sousa Campos Júnior

Tela de 1943

Assinatura: canto esquerdo baixo

Coleção da Irmandade de Misericórdia de
Campinas - Santa Casa.



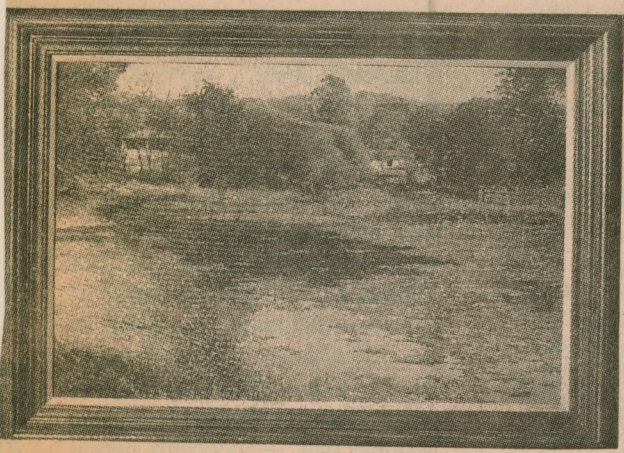
Cardarelli

oferecia, dentro de um estilo que lhe proporcionou inúmeras premiações e reconhecimento internacional. Suas obras estão em poder de colecionadores, em pinacotecas e museus, também com amigos e muitas delas cruzaram fronteiras, figurando principalmente nos Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Portugal, Japão e Argentina. Para produzir, viajou por muitos locais, cidades e estados, em busca de temas que lhe falassem à alma e à sensibilidade. Retratando cenas que ao longo dos anos, haveriam de se transformar - mudanças impostas pelo homem ou pela própria natureza.

RETRATOS

Cardarelli abriu espaço em sua Arte, também para imortalizar personalidades. E os fazia com inteiro vigor e competência. Quanto a essa especialidade, Cardarelli retratou em 1974 D. Paulo de Tarso Campos, saudoso arcebispo campineiro, o monsenhor Emílio José Salim, reitor da Universidade Católica. Em 1975, retratou Dr. Benedito José Barreto Fonseca, reitor da PUC. Outro retrato pintado por Cardarelli é o de D. Antonio M. Alves de Siqueira, arcebispo

"Correio Popular"
26-VI-1991



**metropoli-
tano e
grão-
chanceler
da Univer-
sidade
Católica de
Campinas
em 1971.
O retrato à
óleo,
pintado
pelo
artista
campineiro,
encan-**

**tou a todos o que viram pela perfeição dos
detalhes e fidelidade dos traços.
Na sua longa experiência, Cardarelli ainda
realizou obras de relevo e murais em
algumas igrejas, como na cidade de Espírito
Santo do Pinhal e em São Paulo.**

*Cardarelli
1971*

**Servidores das
universidades
erão sua MP**

**Brasil terá
relações com
a África do Sul**

EXPOSIÇÃO E RECONHECIMENTO

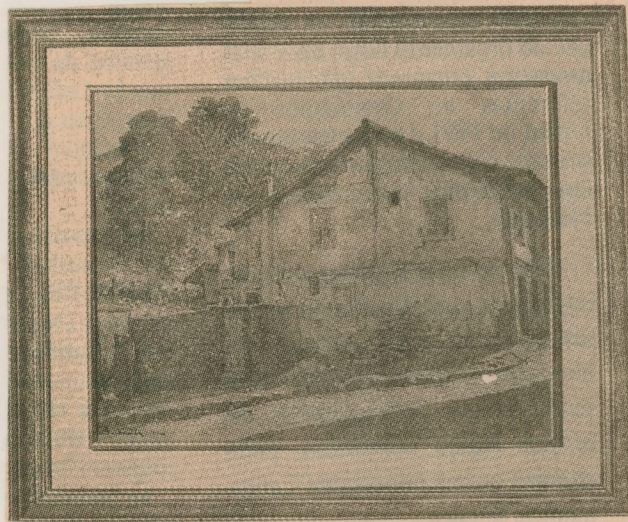
Campinas prestou significativo reconhecimento a Aldo Cardarelli dando seu nome à galeria do Centro de Convivência Cultural, onde uma placa de bronze perpetua sua inesquecível figura de artista emérito e imortal. Foi nessa galeria que ele realizou uma exposição em 1979 que marcou época, saudada entusiasmaticamente pelos seus amigos, admiradores e por toda a cidade. Foram expostos 200 trabalhos, alguns do acervo particular do artista, outros pertencentes a colecionadores. Cardarelli, na verdade, só reafirmava e confirmava seu honroso lugar também em sua comunidade, sua obra era dada a conhecer a todos os conterrâneos. De certa forma, mais um prêmio oferecido a ele, no meio de tantos outros conquistados em salões e galerias, e através da glória de ter quadros em diferentes partes do mundo. Depois de um ano do falecimento de Aldo Cardarelli, ocorrido em 1986, cerca de 130 quadros do artista eram novamente reunidos para a montagem de outra exposição dedicada aos campineiros: "Recompondo Imagens de Aldo Cardarelli", levada a efeito no mesmo Centro de Convivência Cultural.

PRÊMIOS, MEDALHAS, JURIS

São inúmeros. Teve desde menção honrosa à Grande Medalha de Ouro no Salão Paulista de Belas Artes, de 1940 a 77. Medalha de Bronze e Prata no Salão Nacional de Belas

Artes.

Recebeu condecoração do Governo do Estado de São Paulo, o seu registro biográfico no Dicionário de Artes Plásticas do Brasil, Enciclopédia Delta-Larousse, do Livro Pintores Contemporâneos de São Paulo e de outras obras que abordam a História



da Arte no Brasil.

DEDICAÇÃO, LIBERDADE, AMOR

Para se realizar uma obra como a de Aldo Cardarelli, só através de muito amor. Amor à liberdade, à natureza, à humanidade. Amor à beleza, à arte, à Pátria, à Família. Amor com dedicação, com apuro, com a consciência voltada para a necessidade de uma aprendizagem e um aperfeiçoamento contínuos ao longo da vida.

Em seus momentos de pensador e filósofo, Cardarelli finalizou: "Julgo que, em matéria

de Arte, estou iniciando. As minhas realizações não são, senão o início de outras tantas realizações. E, desse modo, nunca se chega a um determinado fim. Apenas a nossa ânsia é truncada num determinado trecho, em que nossa vida é interrompida”.

PROJETO CULTURAL



Em exposição de 26 a 30 de junho
na Sociedade Hípica de Campinas.

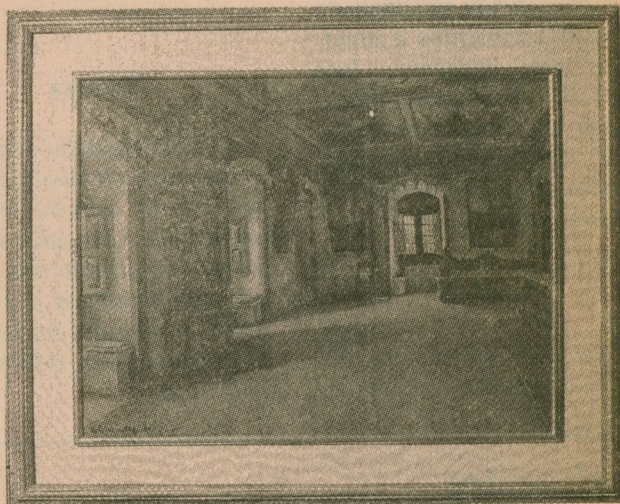
Aldo Cardarelli, é um dos maiores nomes da pintura campineira em todos os tempos. Um homem que viveu da Arte e pela Arte, um artista identificado com tudo o que criou. "Não troco minha vida de pintor por nada neste mundo. Se nascesse cinquenta vezes, cinquenta vezes seria pintor", revelou o artista Aldo Cardarelli.

Cardarelli nasceu em Campinas em 2 de fevereiro de 1915. Desde criança sentiu-se atraído pela pintura, ligando a esse dom, quase que magicamente, o belo da natureza e o fascínio que sentia por ela. Destacou-se na paisagem, criando uma personalidade artística inconfundível.

Artisticamente, os primeiros conhecimentos de desenho lhe foram transmitidos pelo pintor veneziano Luiz Franco. Mais tarde frequentaria o atelier de grandes mestres, tornando-se por sua vez, também um grande mestre na arte de pintar.

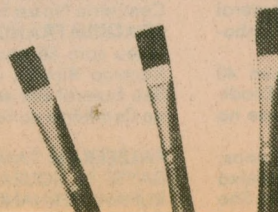
EMOÇÕES E VIAGENS

Assim como se emocionava ao ver e praticar a Arte, Cardarelli foi professor de Desenho e Pintura na escola Francisco Glicério de Campinas, no Liceu "São Paulo" de Santos e em São Paulo, na Universidade Mackenzie,



ocupou a cadeira de Desenho Artístico na Faculdade de Arquitetura.

Adepto do estilo acadêmico, desenhou por cerca de 50 anos a natureza, passando



para suas telas os mais belos panoramas e todos os lindos tons que a natureza lhe

As muitas faces de Campinas

"Correio Popular" 12.VII-1993

Nos retratos pintados por Cardarelli, a história da cidade

Cardarelli

JOÃO BATISTA CESAR

Aldo Cardarelli foi, sem dúvida, o grande retratista da cidade. Pintou a maioria dos prefeitos de Campinas neste século, os reitores da Pucamp, os reitores da Unicamp, os delegados, presidentes da Câmara, da Santa Casa, figuras da sociedade e o retrato de Carlos Gomes que está no Teatro Scala de Milão. O prefeito Magalhães Teixeira, por exemplo, tem uma espécie de orgulho de ter sido o último prefeito a ter sido retratado (no tempo em que ainda era vice) por Cardarelli. Ele era o maior nesta especialidade e muitos de seus trabalhos estão espalhados pelo mundo. Cardarelli, entretanto, era um artista radical e parece não ter dado uma importância maior a esta faceta de seu trabalho. Gostava mesmo é de suas paisagens.

Mas era disputadíssimo. Ser retratado por Cardarelli era uma espécie de atestado de que a pessoa havia sido bem sucedida na vida. D. Maria Cardarelli, viúva do pintor, se lembra da preocupação que acompanhava muitos daqueles que iriam ser pintados, da correria atrás de roupas, de jóias, de trajes religiosos. Muitos iam ao atelier e posavam durante horas, outros gastavam um tempinho por dia e muitos eram pintados apenas por retratos. Todos, entretanto, invariavelmente acabavam impressionados com o resultado. Como contraponto a esse trabalho de retratar o mundo do poder, Cardarelli tinha uma verdadeira obsessão por documentar as expressões de tipos anônimos da população. Mendigos, bêbados, pescadores, desconhecidos de traços marcantes, que eram retratados com a mesma competência e cujos trabalhos compõem uma faceta importante da obra de Cardarelli.

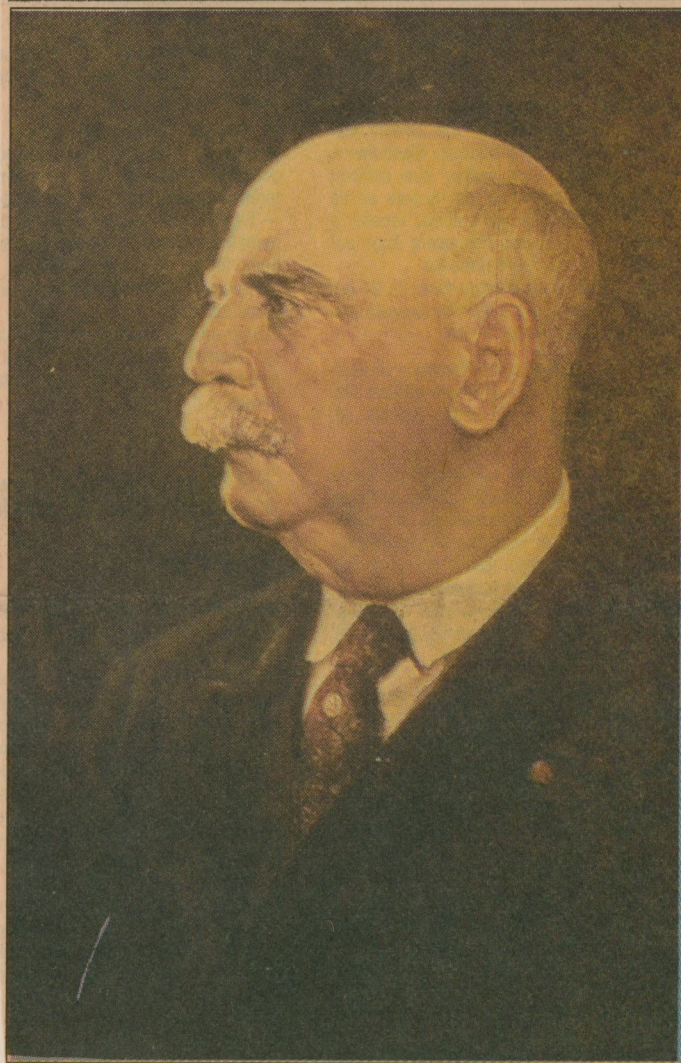
Cardarelli nasceu em Campinas a 2 de fevereiro de 1915. Seu interesse pela pintura foi crescendo com sua idade. Durante dois anos teve aulas com o pintor veneziano residente em Campinas, Luiz Franco, e logo estava fazendo pintura a óleo. Começou a fre-



quentar o ambiente artístico de São Paulo, onde fez amizade com Bernardino de Souza Ferreira e Orlando Tarquinio. É quando começa a pintar as paisagens, os retratos, as naturezas mortas e também os murais e afrescos para igrejas da região.

Estimulado pelos admiradores de sua arte, Cardarelli começa a participar de Salões por todo o País. Em 1940, sua tela *Largo do Boticário*, ganha a medalha de prata no Salão Paulista de Belas Artes. Pouco depois vai para o Rio de Janeiro, onde continua a pintar e a dar aulas. Volta para Campinas, onde desenvolve suas principais obras e o conjunto de trabalhos que formam um dos principais painéis da cidade existentes. Um artista que documentou a cidade, as caras da cidade e que é a cara da cidade.

Cardarelli (acima) prepara um primeiro ensaio de um de seus mais famosos quadros, a Fazenda do IBC (acima à direita): o pintor retratou os prefeitos de Campinas, como Orozimbo Maia (ao lado)



REPRODUÇÃO/NERVELTON ARAÚJO



de
m
Pri
de
av
an

AUGUSTO DE PAIVA

Aldo CARDARELLI

Exposição de setembro de 1979.
Campinas.



Sua Emcia. o Cardeal Rossi.



O sogro do artista.

Aldo CARDARELLI

Exposição de setembro de 1979 - Campinas



Retrato



Natureza morta.

Aldo CARDARELLI.

Exposição em setembro de 1979 - Campinas.



Natureza morta.



Campos Elíseos - Campinas.



Favela - Campinas.



Sousas - Campinas.

Aldo CARDARELLI.

Exposição em setembro de 1979 - Campinas.



Cachoeira - Sousas.



Ribeirão das Cabras - Sousas.

Aldo CARDARELLI.

Exposição em setembro de 1979 -
Campinas



Velha Tulha - Campinas.



Sousas.



Ilhota - Sousas.

ALDO CARDARELLI

Exposição em setembro de 1979 - Campinas.



Interior.



Parati

Aldo CARDARELLI.

Exposição em setembro de 1979 - Campinas.



Ouro Preto.

Aldo CARDARELLI.

Exposição em setembro de 1979 - Campinas.



Ouro Preto.



Nossa Senhora da Conceição de
Antônio Dias.

ALDO CARDARELLI

Exposição em setembro de 1979 - Campinas.



Florianópolis.



Santa Catarina.

ALDO CARDARELLI

Exposição em setembro de 1979 - Campinas.



Arraial do Cabo.



Porto Alegre.



"Seca de agosto"



Parati



Gávea - Rio de Janeiro.



Dimensões - 0,43 X 0,265 data 1973
Assinatura - canto esquerdo, baixo

Coleção Maria Leonor de Mello Pupo.



"CACHOEIRINHA" (Sousas)

Do livro "Pintores Contemporâneos de S. Paulo."



Aldo Cardarelli: uma obsessão em retratar rochedos e dias nublados

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Cláudio Celestino de Toledo Soares

Tela de 1950

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Dona Maria da Conceição Franco de Andrade

Tela de 1951

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Dona Sílvia Ferreira de Barros

Tela de 1951

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Servílio Soares de Arruda

Tela de 1954

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Madre Mariana de Jesus Sousa Leite

Tela de 1956

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Antônio Carlos do Amaral Lapa

Tela de 1959

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Antônio de Camargo Campos

Tela de 1959

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Bento de Sousa Morais

Tela de 1959

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Lafaiete Álvaro de Sousa Camargo

tela de 1959

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Celso Maria de Melo Pupo

Tela de 1965

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Carlos Francisco de Paula

Tela de 1971

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de Lix da Cunha

Tela de 1971

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de ALDO CARDARELI



Retrato de João Carlos Betim Paes Leme

Tela de 1975

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de de Aldo Cardareli



Retrato de Prof. Benedito Sampaio

Tela de

Coleção da Academia Campinense de
Letras.

Óleo de ALDO CARDARELI (premiado)



Retrato de Alexandre Chiarini

Tela de

Coleção da Academia Campinense
de Letras.

"Correio Popular" 3-I-1993

A natureza é parte integrante

AUGUSTO DE PAIVA

Na casa de Thelma Cardarelli, a arte ganha um espaço aconchegante. Filha do artista Aldo Cardarelli, falecido em 1986, Thelma apaixonou-se pela arte sob o olhar apaixonado do pai pintor, mestre responsável por muitos nomes da pintura em Campinas. Com ele aprendeu a deslizar seu pincel pelas telas em viagens inimagináveis. No momento faz uma série de rostos que mostram expressões do cotidiano. Embora goste de paisagens, Thelma prefere pintar retratos. As fisionomias das ruas ganham espaço em seu espaço de arte. "Não pinto do ateliê de meu pai por sentir muita saudade", revela a artista.

Para que seus cavaletes ficassem mais à vontade, os tapetes tiveram que sair de seu espaço. Tudo bem, o marido sente falta, mas não reclama. O cachorro adora o lugar, da mesma forma que os peixinhos do aquário. A natureza lá de fora entra para dentro de



As expressões do cotidiano têm lugar garantido na casa de Thelma Cardarelli, a artista dos retratos

sua casa e nela encontra o aconchego da arte. Além de retratos, Thelma gosta de fazer restaurações. Atualmente, junto com

mais uma artista, ela restaura quadros de 1874 e 1915. De volta ao passado. Com prazer, talento e alegria.

M A R M O R E S D E C A R R A R A

"Cidade da Itália (prov. de Massa e Carrara), na marg. do Apenino; 42.500 hab. Das suas montanhas e das de Massa e Serravezza extraem-se todas as qualidades de mármore, especialmente o branco, destinado a esculturas e outras obras de arte. Nas pedreiras a céu aberto, empregam-se mais de 10.000 operários" (Enciclopédia e Dicionário Internacional).



Nº 432 - LÁPIDE TUMULAR.

Dimensões: alt. 0,46; lar. 0,55; prof. 0,04.

Material: mármore de Carrara.

Exterior: signos episcopais esculpidos.

Época: 1884.

Procedência: Sarcófago sob o monumento do Arcebispo de Cirrô Dom Joaquim José Veira, em frente a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, em Campinas.

Origem: Carrara, Itália.

Ofertante: Irmandade de Misericórdia de Campinas.

Observações do Museu: o cadáver de Dom Joaquim José Vieira, foi trasladado para a Cripta da Catedral de Campinas a 27/11/1956.

Caruso - José

Alles

in Campinas

Teodoro Braga, 67

Caruso, Salvador

in Campinas - Teodoro Braga, 67

Coleção Santa Casa. quadros n.ºs 6, 30, 36, 34

Pinacoteca do Estado: "Volta de Pescaria"
(catálogo de 1934, pag 150)

Obras na Pinacoteca do Estado: "Volta
da Pescaria" (catálogo de 1934, pag 150),

"Prece de Pai João" (catálogo 1939, pag 49)

Óleo de SALVADOR CARUSO



Retrato de Austero Penteado

Tela de 1932

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de SALVADOR CARUSO



Retrato de Euclides Vieira

Tela de 1940

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Óleo de SALVADOR CARUSO



Retrato de Dona Maria Luísa Pereira de Queirós

Tela de 1949

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Óleo de VICENTE CARUSO

Teodoro Braga 67 - Coleção Santa Casa 9-32-37-38
Retrato de Paulina Pinheiro esposa de Domingos
Pinheiro ("Cidade de Campinas" 31-III-1908



Retrato de Lino de Moraes Leme.

Tela de 1944

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de VICENTE CARUSO



Retrato de Paulo de Almeida Nogueira

Tela de 1944

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de VICENTE CARUSO



Retrato de Carlos Gerin

Tela de 1946

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de VICENTE CARUSO



Retrato de Pedro Braga

Tela de 1946

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Carvalho, Flávio de (m 10-VIII - 1899

Teodoro Braga, 95

Castanheda, Alvaro

Exposicao "A Tribuna" 2-IV-26-IV-1924



"Barcos a Vela" do catálogo de "Leilões de Arte", venda 12 de Renato Magalhães Gouvea.

Quadro de Cezanne é vendido por US\$ 50 milhões

NOVA YORK - O presidente do grupo de cosméticos Estée Lauder, Ronald Lauder, comprou um quadro de Paul Cezanne- "Natureza Morta:

Cortina de Flores e Frutas" por 50 milhões de dólares numa negociação privada. O valor da transação alcançou quase o dobro do recorde anterior do pin-

tor impressionista.

O quadro, que tem licença para sair do país, foi comprado no começo do mês por intermédio do francês Daniel Malingue

"Revista do Povo" 2-II-1997

P I N T O R O R E S T E S C O L O M B A R I



Nº 541 - BRASÃO DO CONDE DOM FRANCISCO DE CAMPOS BARRETO.

Dimensões da tela: alt. 0,80; larg. 0,62.

Material: óleo sobre tela, com oldura.

Exterior: cores próprias da heráldica.

Época: 2ª década do século XX.

Procedência: Cúria Metropolitana.

Origem: obra do pintor *Arestes* Colombari.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:

Colombari - Crestes

Decorou a Matriz de Nossa Senhora
do Carmo em Iturerava

("Correio Popular" 18-VIII-1935) - Professor

Pintou brasões (Museu Arquidiocesano de Campinas)

ESCU LTOR LÉLIO COLUCINI

Nasceu na Itália em 1910, vindo para o Brasil com um ano de idade. Voltou a seu país natal para matricular-se na "Regia Scuola Professionale Stagio Stagi" em Pietrasanta "onde recebeu seu primeiro diploma de honra em 1926, com apenas 16 anos". Coursou a Academia de Artes de Carrara, recebendo medalha de ouro e prêmio de viagem. Em 1929, a Academia de Artes de Pietrasanta lhe conferiu o primeiro premio, medalha de ouro em reconhecimento de seu talento.

Passou sua vida em Campinas, lecionando e com numerosas exposições de esplêndidos trabalhos, podendo-se apontar nesta cidade o Monumento do Bicentenário da Cidade, o Monumento das Andorinhas, a Águia para o Banco de Boston, hoje no Museu Arquidiocesano, e outras mais.

Faleceu a 24/7/1983.



Nº SAC 2 - AGUIA

Dimensões: alt. 1,00; larg. 3,37; prof. 0,28 m.

Material: gesso em esqueleto de ferro.

Exterior: ouro velho.

Época:

Procedência: Banco de Boston em Campinas.

Origem: obra do escultor Lélío Colucini, falecido em
1983.

Convencionado: Sociedade dos Amigos da Cidade.

Observações do Museu:



No. 98404 - 100

Material: made in wood

Origin: made in wood

Dimensions: 10 x 10 x 10 cm

Price: \$10.00

Provenance: made in wood

Origin: made in wood

1983

Connections: made in wood

Observations: made in wood

Coluccini - Sélis - Escultura

Rua Teodoro Braga, 74

"Águia" no Museu Arquidiocesano

Sem escultura na Pinacoteca do Estado

Campinas: Na Avenida Anchieta o monumento do centenário da cidade

Monumento das Andorinhas, inaugurado e posto no jardim da Biblioteca Municipal

Terma de Anibal de Freitas inaugurada a 15-VI-1960 ao lado do Colégio Culto à Ciência

Terma de Antônio Elias Zogbi (paga pela família)

Monumento a D. Francisco de Campos Barros, inaugurado na Av. Saudade a 20-IX-1953

Monumento ao 2.º centenário da introdução do café no Brasil - 1927 - na Praça do Pará

Busta de Hermas Braga inaugurada a 26-XII-1952 na Avenida Andrade Neves

Monumento ao imigrante japonês em 1970 em Sousa

Monumento a Kennedy inaugurado a 20-XI-1966 na Av. Barão de Itapura X N.S. de Fátima (notável)

Grande monumento do bi-centenário da cidade na Av. Anchieta

"Almanac do Povo" 26-VII-1983

Aos 73 anos, a morte de Lélío Coluccini

RODOLFO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas SP.

De 1926, data que marcou seu aparecimento público através de um prêmio na Itália, até meados da década de 70, quando sua frágil saúde o impediu definitivamente de continuar seu trabalho, Lélío Coluccini produziu metade de um século de esculturas espalhadas por todo País, cuja identificação e documentação, na sua maioria, estão por fazer.

Domingo último, por volta das 13 horas, em uma clínica psiquiátrica de Itapira, o coração do escultor o traiu. Uma parada cardíaca foi fatal, após longos anos de convivência com a doença. Seu corpo foi trazido para Campinas, onde foi enterrado no Cemitério da Saudade, às 10h30 de ontem.

Lélío nasceu em 1910, em Valticastello (Itália), chegou ao Brasil com um ano de idade, residindo com seus familiares em São Paulo e, posteriormente, em Campinas, onde seu pai fundou a marmoraria "Irmãos Coluccini". Teve suas primeiras lições de desenhos na Loja Maçônica Independente, com a professora Maria Thereza Marcilio. Aos 8 anos de idade, fez seu primeiro trabalho em gesso, que chamou de "Ecce Homo" (Cristo). Entusiasmado com a crítica feita sobre esta obra, seu pai resolveu mandá-lo de volta para a Itália para iniciar os estudos na arte.

Matriculou-se na "Régia Scuola Professionale Stagio Stagi", em Pietrasanta, onde recebeu seu primeiro prêmio, em 1926, com o "Diploma de Honra". Coursou também a Academia de Artes de Carrara, onde se diplomou com louvor, recebendo a

medalha de ouro e prêmio "Viagem a Roma", instituído por aquele país.

Em 1929 recebeu o 1º prêmio e medalha de ouro da Academia de Belas Artes de Pietrasanta. Chegando ao Brasil em 1931, Lélío passou a trabalhar com seu pai na oficina de marmoraria. A sua primeira exposição oficial foi realizada na biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes, em comemoração ao primeiro centenário do nascimento de Carlos Gomes, em 1936.

Posteriormente expôs, em São Paulo, na Galeria do Salão Rudá e depois no Rio de Janeiro, no Copacabana Palace Hotel, em 1950. Foi professor de escultura na escola Gabriele D'Annunzio, dentro do Instituto Cultural Italo-Brasileiro e também no Centro de Ciências, Letras e Artes, em 1954.

Recebeu o título de Cidadão Campineiro em 1961, e no ano seguinte fez uma grandiosa exposição que contava com 43 trabalhos, no Teatro Municipal Carlos Gomes. Em 1964, recebeu o diploma da Ordem dos Cavaleiros Honorários de Campinas, juntamente com o troféu Carlos Gomes.

Em 1974 foram adquiridas obras suas pela Prefeitura de Campinas, sendo uma delas o monumento comemorativo ao Bicentenário da cidade e a Águia, que está erguida sobre a Academia Campinense de Letras. São de sua autoria também o monumento das Andorinhas, instalado em frente ao MAC — Museu de Arte Contemporânea de Campinas — bem como a imagem de Santo Antonio, que se encontra na parede frontal da Clínica Santo Antonio, localizada na Avenida Barão de Itapura.

Na obra, delicadeza e turbulência

"Último dos remanescentes da geração dos assim chamados "escultores de encomenda", onde o metier e o apuro técnico eram o ponto de honra, Coluccini não frequentou as galerias de arte em seus obscuros e quase sempre inatingíveis corredores para a fama. Na árdua tarefa de atender os numerosos pedidos de bustos, túmulos e monumentos, atividade quase sempre castradora, é que, arregaçando as mangas sobre a alva sedução dos carraras, do bronze eterno e das terracotas, Coluccini mostrou as qualidades essenciais, dele homem, sempre integradas em sua obra: a delicadeza e a turbulência, disse o artista plástico J. R. Hofling, quando da última exposição de esculturas de Colucci-

ni, em 1981, na Galeria do Centro de Convivência Cultural.

Para o artista plástico Mário Bueno, Lélío, além de um escultor de grande reconhecimento artístico, "era uma pessoa boníssima, amigo de todos, e muito humano". A morte de Coluccini, segundo Mário, representa uma perda lamentável, embora há vários anos estivesse afastado de suas atividades, porque foi o artista que mais deixou sua marca nas praças da cidade.

"Além dos trabalhos que realizou, diz Mário, Coluccini contribuiu muito para a cultura e arte de Campinas, com as experimentações que realizou. Por isso merece tributo de reconhecimento e não poderá jamais ser esquecido".

Hoje, música de câmara no Convivência

Um concerto de câmara é a programação desta noite no Teatro do Centro de Convivência, com início previsto para as 21 horas. O concerto faz parte da programação cultural do 3º Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Computação, que está sendo realizado aqui em Campinas.

O programa do concerto será exclusivamente música barroca, e contará com instrumentos de Orquestra Sinfônica de Campinas e do Instituto de Artes da Unicamp. Os instrumentos envolvidos são cravo, oboé, fagote e violino.

MACC um cu de pir

Durante o mês de agosto, as quartas-feiras, o espaço plástico estará aberto para exposições e pinturas no Centro de Convivência Cultural de Campinas.

O curso de escultura e pintura do Centro de Convivência Cultural de Campinas, que começou em agosto, já está em andamento. O curso é ministrado pelo artista plástico Mário Bueno, que também é professor de escultura no Instituto de Artes da Unicamp. O curso é gratuito e aberto a todos os interessados. O curso terá duração de seis meses e será concluído em dezembro. O curso é ministrado em duas turmas, uma de escultura e uma de pintura. O curso é ministrado em duas turmas, uma de escultura e uma de pintura. O curso é ministrado em duas turmas, uma de escultura e uma de pintura.

3 "Diário do Povo" 26-VII-1983



ARQUIVO

Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Léo Coluccini deixou uma grande obra, tanto esculpindo quanto ensinando

Em painel, os trabalhos de Lélío Coluccini

ARQUIVO
Celso Maria de Mello
Campinas - SP.

Por causa da morte do artista plástico Lélío Coluccini, domingo passado, a coordenadora das exposições das galerias de arte do Centro de Convivência, Vera Smaniuc, pretende, após entendimentos com a Secretaria de Cultura, mostrar um painel no saguão de entrada do Teatro Interno. Esse painel é um apanhado de obras, esculturas de cemitérios, fotografadas por Roberto Hofling.

Este painel esteve em 81 no Centro de Convivência quando foram reunidas várias obras de colecionadores dos trabalhos de Lélío Coluccini. Ele teve uma vasta produção desde 1926 até 1970. E, na opinião do artista plástico Mário Bueno, a importância de Lélío não se restringe apenas às esculturas e monumentos em cemitérios. "Ele dedicou seu tempo à pesquisa da arte", lembrou Mário.

Para Geraldo Jurgensen, Coluccini foi o grande escultor neoclássico do nosso tempo. Seus prêmios confirmam sua criatividade. E em pontos estratégicos da cidade encontramos esculturas feitas por um coração aberto e fraterno, como a da escultura que está atualmente no Largo das Andorinhas. "Uma técnica bastante delicada e baseada numa sincera dominação dos elementos figurativos" registrou Thomaz Perina.

Esculpiu com amor

Faleceu em Itapira, tendo sido sepultado em Campinas, o escultor

Lélío Coluccini, que por muitos anos residiu nesta cidade. Conhecido em todo o País e no estrangeiro, Lélío nasceu na Itália, em 1910, tendo vindo para o Brasil com apenas um ano de idade.

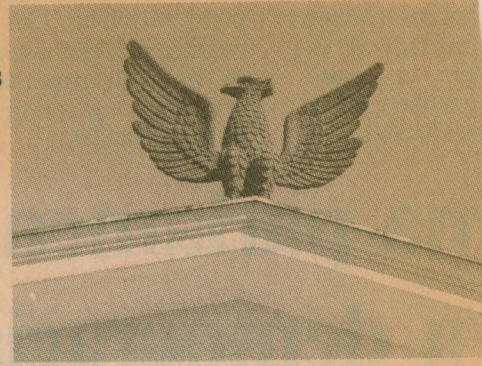
Residiu algum tempo em São Paulo, de onde sua família se transferiu para Campinas e aqui seu pai fundou a marmoraria "Irmãos Coluccini".

Mais tarde, a fim de aperfeiçoar seus estudos, o artista volta à Itália e matricula-se na "Regia Scuola Professionale "Stagio Stagi", em Pietrasanta, onde recebeu seu primeiro diploma de honra, em 1926, com apenas 16 anos. Realizou ainda curso intensivo de escultura na Academia de Artes de Carrara, quando recebeu a medalha de ouro e prêmio "Viagem a Roma".

Em 1929, a Academia de Artes de Pietrasanta lhe confere a medalha (1º prêmio) de ouro pelo reconhecimento de seu talento. São numerosas as suas exposições no Brasil. Além de lecionar a arte da escultura, Lélío Coluccini produzia trabalhos que hoje são unanimemente elogiados por nossa crítica especializada. Em Campinas, entre outros trabalhos, deixa o monumento Andorinhas, Santo Antonio e a Águia, além de outras obras sobre personalidades campineiras que ele esculpiu com amor e sentimento.

Coluccini faleceu aos 73 anos e sua obra se anexa à história de Campinas que ele tanto amou e viveu quase toda a sua existência.

Felizmente é possível ver e apreciar a imensa obra de Lélío Coluccini em diversos locais e praças de Campinas. Viveu sua vida pela escultura, no meio delas e em cada qual deixou o toque de sua alma, da inspiração e da genialidade de homem e artista. Um patrimônio nacional. O maior escultor místico do país, Lélío Coluccini, é um tributo à cultura e a arte de Campinas, cidade que tanto amou e viveu toda sua existência.



Sua vida foi uma longa caminhada de vitórias, indiscutivelmente, um dos maiores escultores néo-clássicos do nosso tempo. Utilizando-se de criatividade e técnica bastante delicada e baseada numa sincera dominação dos elementos figurativos, ele esculpiu suas obras com amor e sentimento.

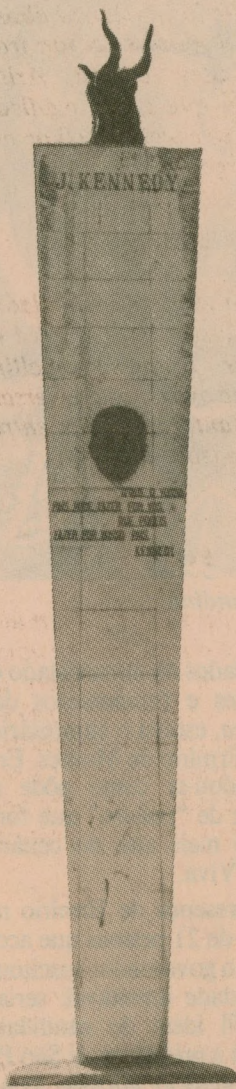
A INICIAÇÃO E RECONHECIMENTO

Lélío Coluccini nasceu em 1910 em Valdicastello (Itália), chegou ao Brasil com 1 ano de idade residindo com seus familiares em São Paulo e posteriormente em Campinas, onde seu pai fundou a marmoraria "Irmãos Coluccini". Teve suas primeiras lições de desenho na "Loja Maçônica Independente", com a professora "Thereza Marcílio". Aos 8 anos de idade, fez o seu primeiro trabalho em gesso, o qual intitulou-se "Ecce Hommo" (Cristo).

Entusiasmado com a crítica feita sobre esta obra, seu pai resolve mandá-lo de volta para Itália para iniciar os estudos de arte.

Matriculou-se na Régia Scuola Professionale "Staggio Stagi" em Pietrasanta, onde recebeu seu primeiro prêmio (1926) com o "Diploma de Honra".

Cursou também a Academia de Artes de Carrara onde recebeu valiosas lições de conceituados mestres da estatuária italiana, tais como: Antonio Bolzano e Tommazi Leoni. Diplomado com louvor recebeu a medalha de ouro e o prêmio "Viagem a Roma", instituído por aquele País. Em 1929, recebeu o 1.º prêmio e medalha de ouro da Academia de Belas Artes de Pietrasanta. Retornando ao Brasil em 1931, Lélío passou a





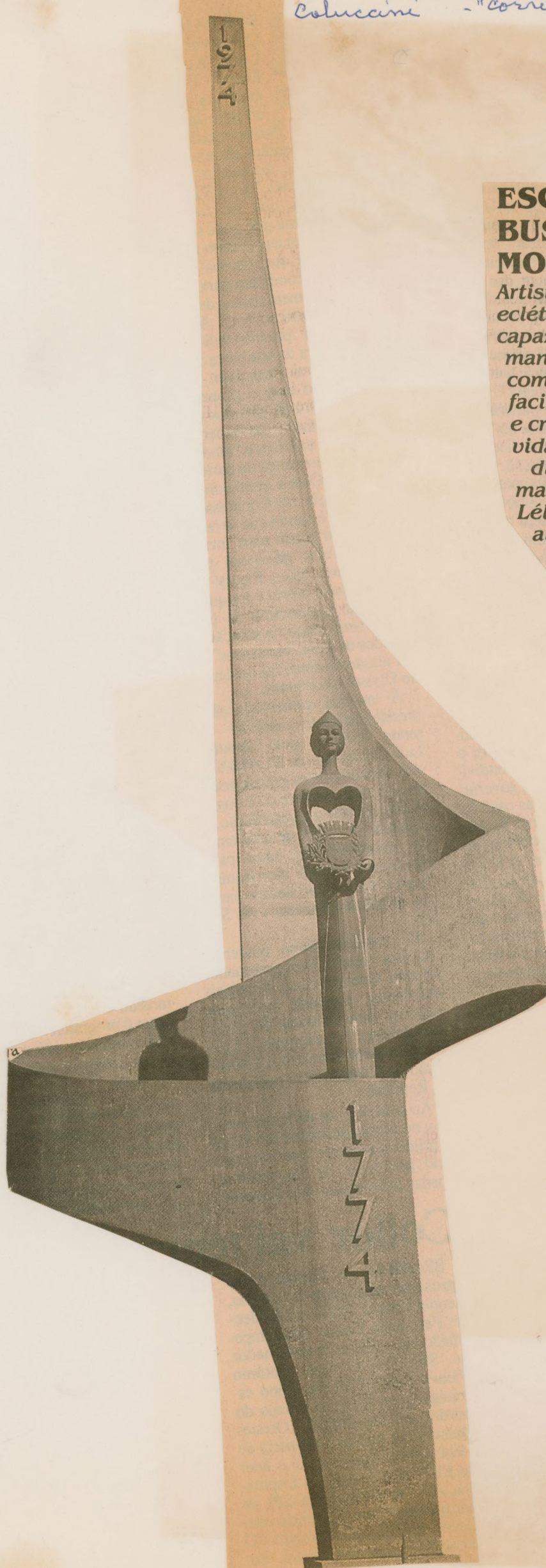
trabalhar com seu pai na oficina de marmoraria. A sua primeira exposição oficial foi realizada na Biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes, em comemoração ao primeiro centenário do nascimento de Carlos Gomes, em 1936.

Posteriormente expôs em São Paulo na Galeria do Salão Ruda e depois no Rio

de Janeiro no Copacabana Palace Hotel, em 1950.

Foi professor de escultura na escola "Gabriele D'Annunzio", dentro do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro e também no Centro de Ciências, Letras e Artes, em 1954. Em 1961, recebeu o título de cidadão campineiro. Em 1962,

fez grandiosa exposição que contava com 43 trabalhos, no Teatro Municipal Carlos Gomes. Em 1964, recebeu o diploma da Ordem dos Cavalheiros Honorários de Campinas, juntamente com o troféu Carlos Gomes.



ESCULTURAS, BUSTOS, MONUMENTOS

Artista eclético, capaz de manipular com facilidade e criatividade

diversos materiais,

Lélio Coluccini é autor ainda de muitos

monumentos, bustos e esculturas. Tem

também, hermas e monumentos em

São José do

Rio Preto,

Piracicaba,

Belo

Horizonte,

Araraquara

e outras

cidades.

Em

Campinas,

é possível

ver e

apreciar

obras de

Lélio em

diversos locais. São

eles: monumento

Bi-centenário de

Campinas, monumento

das Andorinhas, herma

de Aníbal de Freitas,

herma de Antonio Elias

Zogbi, estátua de Dom

Barreto, monumento da

Fundação de Campinas,

busto de Hermas Braga,

monumento ao

Imigrante, monumento

de John Kennedy, herma

José Barbosa de Barros,

herma Leopoldo

Amaral, herma Luiz

Signorelli, herma

Orozimbo Maia, herma

Salvador Lombardi

Netto, a Águia sobre a

Academia

Campinense de Letras

e muitos outros

monumentos e

bustos.

A OUSADIA DO TALENTO

As figuras longilíneas, o movimento, o místico, o poder da síntese, os surpreendentes flagrantes das expressões, o ritmo são marcas indelévels na ousada obra de Lélío Coluccini. O impacto de cada uma delas é fulminante.

Os prêmios conquistados em exposições e salões, os pequenos e grandes trabalhos comendo acervos de colecionadores no Brasil e no mundo (EUA, Itália, Austrália e outros), embora considerados importantes, nunca foram grandes preocupações ou constituíram grandes surpresas para o artista, voltado então a novas metas, sempre quieto e calado, mas uma personalidade intimista e dinâmico, permanentemente entregue à tarefa de atender aos seus implacáveis impulsos de criador, esteta e realizador.

Entre tantos depoimentos dados sobre o artista e seu trabalho, vale transcrever o de seu grande amigo e companheiro de arte, Aldo

Cardarelli: "Em Lélío Coluccini, como homem e como sonhador, destaco o aprumo de caráter e a verticalidade da consciência. E

destaco o Artista devotado à intangibilidade de sua Arte como o brilho da inteligência aliado aos sentimentos nobres do coração. É um gênio que possui, acima de tudo, as virtudes santas da humildade luminosa.

Um Palimuro da Escultura deste tempo, que merecerá o respeito e a admiração das gerações de todos os tempos".

Lélío Coluccini é, sem dúvida, um escultor de mãos mágicas e espírito criador que, entre pedra, mármore, gesso e bronze, reuniu a beleza singular de suas obras, que são a essência de sua vida.



VIRE

PROJETO CULTURAL



Em exposição de 26 a 30 de junho
na Sociedade Hípica de Campinas.

COMUNICADO



**AS
MÃOS DA
VIA SACRA**

Texto - Frei José Carlos Corrêa Pedroso - Capuchinho
Quadros - Lélío Colluccini - escultor

Este texto pode ser aproveitado para recitação comum de muitas maneiras. Sugerimos as seguintes:

1. Uma pessoa lê o título da estação e os textos bíblicos que estão na página da esquerda. Outra pessoa lê a introdução. Um grupo (p. ex. os homens) lê os textos A. Outro grupo (p. ex. as mulheres) lê os textos B. Todos juntos lêem a oração.

2. Omite-se a leitura dos textos bíblicos, seguindo-se as outras sugestões.

3. Omitem-se também os textos A e B, rezando-se apenas a introdução e a oração.

4. Os textos bíblicos também podem ser recitados alternadamente por dois grupos.

O mais importante é que estas reflexões sirvam para despertar outras muitas, em que os leitores aprendam a "escutar" a Paixão de Jesus Cristo.

Com aprovação dos superiores da Ordem dos Capuchinhos
São Paulo, 25 de dezembro de 1972

AS MÃOS DA VIA SACRA

A Via Sacra é uma devoção muito antiga que, curiosamente, não morreu. No início era feita só em Jerusalém, pelos peregrinos que refaziam os passos de Jesus do tribunal ao sepulcro, parando para rezar em alguns pontos indicados pela tradição.

Depois passaram a “construir” Vias-Sacras em outros lugares, subindo morros ou não. Mais tarde as igrejas passaram a ter a sua Via-Sacra, em quatorze quadros dispostos dos dois lados da nave.

A perenidade da Paixão de Jesus Cristo tem feito com que a Via Sacra, ou Caminho da Cruz, subsista e resista a tôdas as mudanças. Os artistas foram concebendo formas sempre novas de pinturas, esculturas ou cânticos apropriados para acompanhar a devoção e ajudar a meditação: uma interiorização pessoal dos sofrimentos de Jesus Cristo.

Mais recentemente, alguém se lembrou de que as quatorze estações não completavam a Paixão de Cristo: faltava uma décima-quinta, a de Cristo sofrendo nos homens de hoje.

O livrinho que lhe estamos colocando nas mãos traz mais um caminho, mais um jeito: O escultor Lélío Coluccini estava fazendo estudos para uma série de vitrais em uma igreja que receberia esculturas suas. Pintava nas costas de uma velha passadeira. Nessa ocasião foi visitado pelo autor do texto, que o entusiasmou a completar o trabalho e o adquiriu, como estava, para a Capela do Seminário dos Capuchinhos em Nova Veneza, Estado de São Paulo. As gravuras dêste livrinho são reproduções daqueles pedaços de passadeira: não é preciso falar de seu valor artístico. O texto, é o resultado de repetidas meditações.



1.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE SE LAVAM

— *“Pilatos lavou as mãos diante do povo: “Sou inocente do sangue deste homem. Isto é lá convosco!” “Libertou então Barrabás e mandou açoitar Jesus e lho entregou para ser crucificado” (Mt 27, 24 e 6).*

— *“Como aqueles diante dos quais cobrimos o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele” (Isaias 53, 3).*

INTRODUÇÃO — Lavar as mãos como Pilatos é ter medo, é fugir da responsabilidade, é não querer compromissos, é talvez uma obsessão de não se sujar com as misérias dos outros. Cristo não foi condenado pelos que o acusavam, mas por aquele que não quis deixar-se envolver.

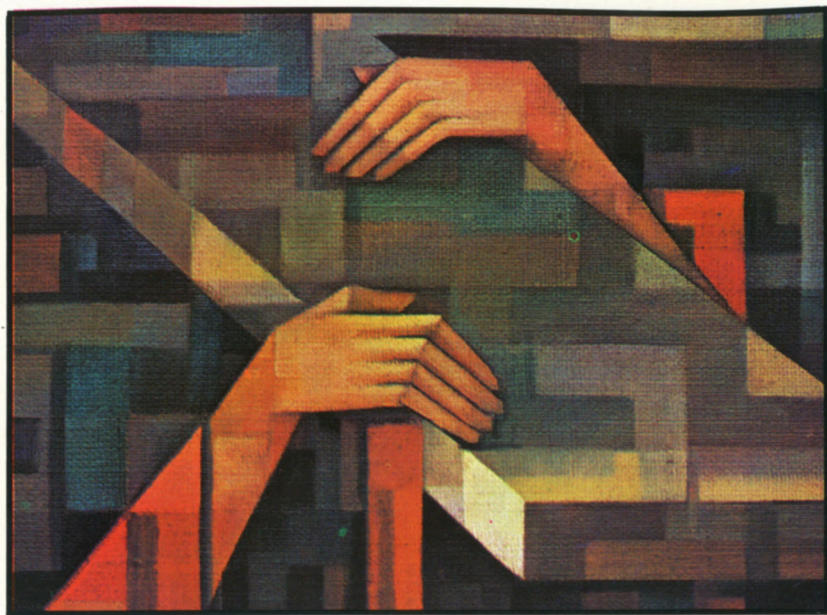
A — Senhor, até hoje nós continuamos a condenar-vos. Tôdas as vêzes que nossas mãos se mantiveram limpas do contacto com os esfomeados, os sedentos, os nus, os prisioneiros, os desempregados, nós nos afastamos de Vós e Vos mandamos para crucificar!

B — Mas as vossas mãos se amarraram por nós. Seria tão fácil libertar-se dessas cordas. Era só pedir um exército de anjos! Seria ainda mais fácil nem ter vindo para nascer como um de nós! E Vós vos amarrastes como um rei de pobres!

A — Muitas vêzes nós nos afastamos de nossos irmãos, porque daria trabalho estar com êles. Muitas vêzes nós nos afastamos porque êles estavam certos, mas todo mundo os condenava. E foi até com indignação que nos afastamos quando êles estavam errados.

B — Mas Vós, quando nos amastes, nem pensastes nos nossos defeitos e nos nossos êrros. Ou talvez vos tenham movido ainda mais a nos virdes ajudar, já que provavam que não nos livraríamos sozinhos.

ORAÇÃO — Senhor, nós não queremos mais ser como Pilatos, queremos ser como Vós. Livrai-nos das mãos lavadas. Fazei com que nos encontremos todos os dias convosco, quando nos comprometermos com os mesmos irmãos nossos. Ensinai-nos a nos condenarmos com êles, para que nos libertemos todos juntos!



2.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE ASSUMEM

— *“Ele próprio carregava a sua cruz para fora da cidade, em direção do lugar chamado Calvário” (Jo 19, 17)*

— *“Se alguém quiser vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e me siga. Se alguém se envergonhar de mim e de minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dêle” (Lc 9, 24 e 26).*

INTRODUÇÃO — As mãos de Cristo assumiram: aceitaram e abraçaram a cruz. Não a aceitaram como uma necessidade inevitável, mas a assumiram porque Cristo nos ama. Sua cruz é nossa porque é constituída das nossas recusas e das nossas rejeições.

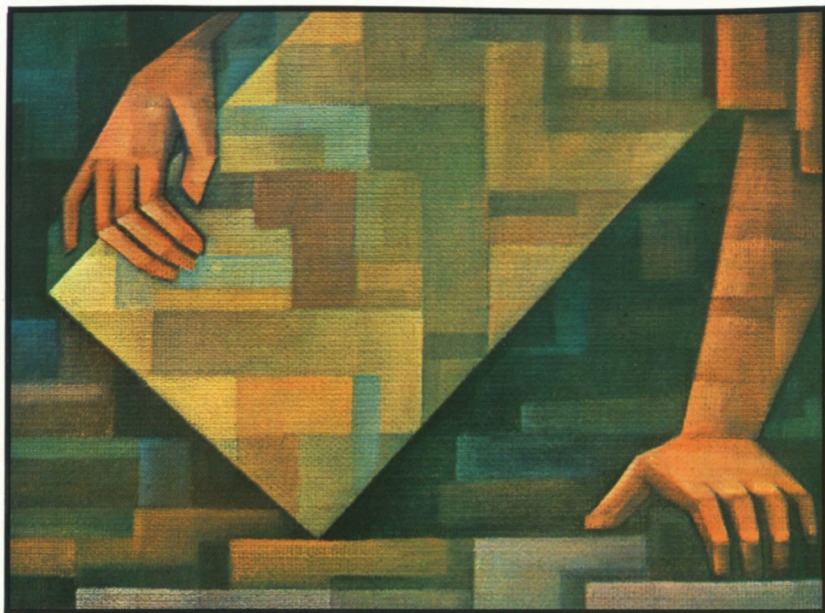
A — Livrai-nos, Senhor, da tentação do sossêgo, que nos afasta das lutas dos homens. Livrai-nos dessa paz que é ausência de vida e ausência de amigos e de irmãos que dêem sentido a nossa vida!

B — Dai-nos, Senhor, a coragem de assumir as cruzes renovadas de cada dia, colhidas no caminho da construção da História e do Reino de Deus. Dai-nos a disposição de fazer tudo que precisa ser feito para que todos possam ser arrebatados por vossa salvação!

A — Ensinai-nos a firmeza de vossa resolução, que sabe onde vai chegar. Dai-nos a certeza de vosso amor que sabe que não vai vacilar. Permitti-nos participar de vossa missão, como vos dignastes compartilhar das nossas!

B — Quando nós vos encontramos e quando nós vos conhecemos, nós entendemos que também a nossa vida, como a vossa, deve ser uma vida “a serviço”. Como é bom servir irmãos que, partilhando da vossa bondade, são tão bons!

ORAÇÃO — A cruz é o sinal do Cristo. Quando a cruz nos assinala e nos marca, demonstra que realmente somos outros Cristos. Fazei-nos lembrar disso nas horas aflitas em que nos sentimos esmagados e desorientados, para que nunca nos falte a alegria de agradecermos a cruz que nos é comum e nos salva.



3.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE SE FIRMAM

— *“Ele tomou sôbre si nossas enfermidades, e encarregou-se de nossos sofrimentos; e nós o reputávamos como um castigado, como um homem ferido por Deus e humilhado”.*

— *“Mas foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sôbre êle, fomos curados graças a seus padecimentos” (Is 53 4-5)*

INTRODUÇÃO — Jesus cai pela primeira vez. Abatido pela prisão e os açoites, cansado e perdendo sangue, não resistiu aos empurrões e foi ao chão. Não são os evangelhos mas a tradição que nos fala dessas quedas, certamente numerosas.

A — Deus não pode cair. As quedas de Jesus são as nossas quedas. Caímos quando erramos, caímos quando nosso orgulho é desmascarado, caímos de fracos, caímos de incautos, caímos de pretensiosos, caímos no pecado, caímos especialmente no desânimo.

B — Em tôdas essas quedas, menos no pecado, Cristo que assumiu as nossas fraquezas, quis cair também. Não caiu por sí, caiu por nós. E quando caiu foi certamente para nos levantar e para nos ensinar como se levanta. Suas mãos se firmam no chão para recomeçar.

A — É difícil reconhecer as próprias quedas. É fácil observar e assinalar as quedas dos outros. Apressamo-nos para justificar as nossas quedas, mas não queremos dar aos outros ao menos a oportunidade de explicar as suas.

B — Cristo não explicou nem justificou nem as nossas quedas, nem as dos outros. Podemos dizer que caiu conosco, pois aceitou as consequências de nosso constante tombar. Mas nos fez participar de sua justiça, para cada vez cairmos menos, para nem cairmos mais.

ORAÇÃO — Senhor, fazei-nos compreender e conviver com os irmãos que caem. Faizei-nos reconhecer a nossa fraqueza, que cai, e a nossa força, que é compartilhada convosco e que firma para levantar.

INTRODUÇÃO — Segundo a tradição, Jesus encontrou sua mãe no caminho do Calvário. Ferido, tratado como malfeitor, já sinal de contradição, pois muitos se haviam definido contra êle, sua presença terá cravado fundo a espada. Mas as mãos de Maria o acolheram certamente como na anunciação, no presépio ou no encontro do templo.

A — Entre outras semelhanças conosco, Deus quis ter uma mãe. E para as mães não importa que seus filhos sejam belos ou inteligentes: para elas, sempre são. É que os acolhem como pessoas, acolhem pelo que são e não pelo que fazem.

B — Nós quase sempre damos as costas, recusamos, negamo-nos a abrir entradas no íntimo de nós mesmos, onde só nós existimos. Quando dizemos que aceitamos as pessoas é quase sempre porque descobrimos nelas alguma coisa proveitosa para nós.

A — Pela graça de Deus, Maria sempre foi diferente. Tomamos conhecimento dela quando disse sim, quando acolheu. Ela é a imagem da humanidade que acolhe e a imagem do que acontece à humanidade quando acolhe. Seu encontro com Cristo deve ter sido reconfortador pois evidenciou que seus sofrimentos não eram inúteis.

B — Tudo que acontece neste mundo é parte da presença de alguém. Quando acolhemos alguém sem considerar se é bom ou não, se é bonito ou não, êsse alguém passa a ser melhor e mais bonito do que era antes. Foi isso que Maria viveu, foi isso que Cristo vive sempre.

ORAÇÃO — Senhor, que êste encontro seja o modelo de todos os muitos encontros que marcastes conosco na pessoa de todos os perseguidos e desprotegidos que passam pela nossa vida: encontros libertadores.



5.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE AJUDAM

— *“Saindo, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, a quem obrigaram a levar a cruz de Jesus” (Mt 27, 32).*

— *“Vinde a mim vós todos que estais fatigados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós... e achareis repouso para vossas almas porque o meu jugo é suave e o meu pêso é leve” (Mt 11, 28-30).*

INTRODUÇÃO — Jesus estava tão exausto que precisaram obrigar um passante a ajudá-lo. A êle que sustém o mundo e que tinha prometido aliviar todos os sobre-carregados e oprimidos, garantindo que seu pêso era leve.

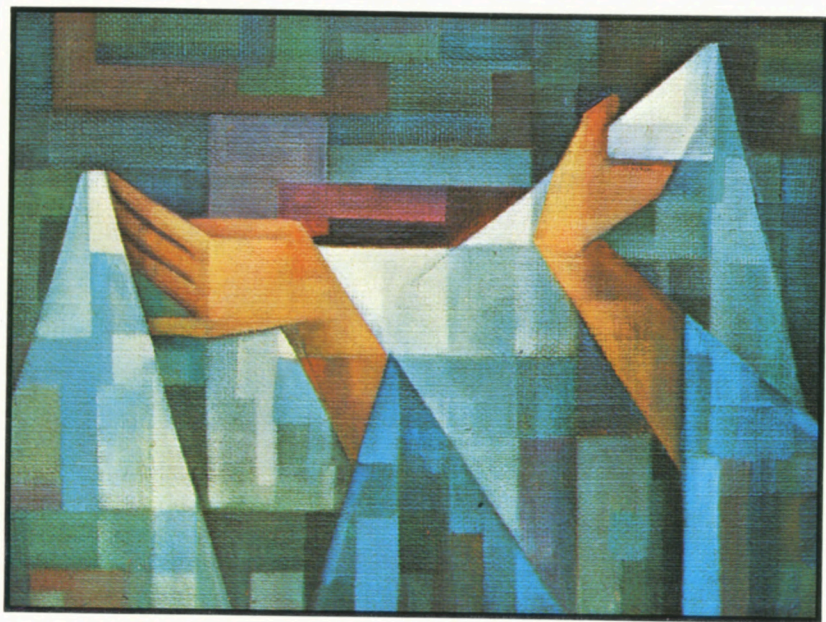
A — Quando vemos Deus humilhado a êste ponto, desmorona-se todo o mundo arrumadinho que tínhamos na cabeça: Deus lá em cima, distante dos homens, cuidando de tudo. Nós, quando esforçados, tentando chegar até êle.

B — Mas Vós olhastes, Senhor, e nos vistes subjugados e carregados! Para nos aliviar e dar repouso viestes carregar a nossa cruz! E sem ser obrigado. Só para nos mostrar que nós é que “fazemos para nós mesmos fardos insupportaveis”; que o vosso jugo é suave e o vosso pêso leve!

A — Poderíamos ver neste episódio uma inversão da realidade, pois é Jesus quem carrega as nossas cruces. A verdade é muito mais profunda: nós, outros Cristos, carregamos a cruz uns dos outros. E Cristo as carrega tôdas conosco.

B — Senhor! Também nós, curiosos à beira do caminho, espectadores das misérias humanas, temos sido obrigados com constrangimento a suportar a presença e o pêso das sobrecargas de nosso próximo. Escapamos à colaboração sempre que possível, e porisso vos pedimos perdão!

ORAÇÃO — Senhor, ensinai-nos a enxergar melhor a vossa face em todos os rostos doloridos que passam por nós. Ensinai-nos a amar-vos em todos os ombros curvados que esbarram em nós. Se tivéssemos a felicidade de amar de verdade o jugo seria suave e o pêso leve!



6.ª ESTAÇÃO - MÃOS QUE CONFORTAM

— *“Não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares, e seu aspecto não podia cativar-nos. Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos” (Is 53, -3).*

— *“Tôdas as vêzes que fizestes isso a um dêstes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes” (Mt 25, 40).*

INTRODUÇÃO — A tradição conservou a figura de uma mulher que, compadecida, enxugou o rosto de Jesus, ficando com um retrato do Senhor gravado em sangue no seu lenço. Deram-lhe o nome de Verônica, que quer dizer: imagem verdadeira.

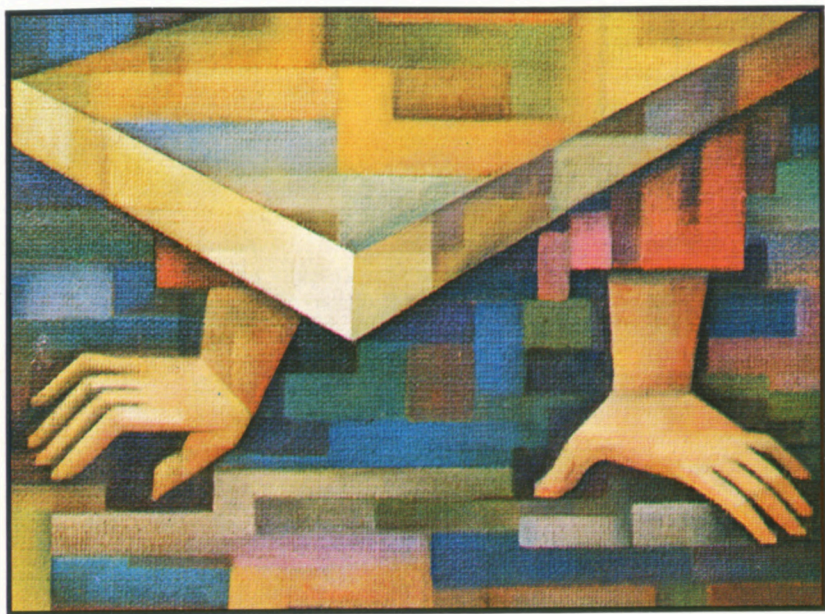
A — A Verônica prestou, com muito amor, um pequeno serviço. Não tinha poderes para libertá-lo da condenação e da cruz, era uma pobre servindo outro pobre mais necessitado, e seu gesto ficou mais gravado na sensibilidade dos cristãos que a imagem de Cristo no lenço que lhe ofereceu.

B — Não é comum ver uma pessoa com o rosto coberto de sangue. Mas a nossa visão está povoada de rostos menos belos, porque estão refletindo a fome, a dor, a incompreensão, a solidão e mesmo o desespero. São rostos que geralmente nos fazem virar para outro lado, nós que fugiríamos a um espelho que decifrasse nosso próprio semblante.

A — Nós temos muitas desculpas para deixar de colaborar e larga faixa é atribuída a nossa incapacidade de resolver os problemas, aos nossos limitados poderes ou à nossa falta de tempo.

B — Quando se ama, não tem sentido medir quantidade nem calcular eficácia. Não importam tanto as coisas que são feitas quanto o amor com que são feitas. O passo importante é abrimo-nos para os irmãos.

ORAÇÃO — Ensinaí-nos, Senhor, a fazer as coisas pequenas, ajudai-nos a aceitar nossa pequenez. Só assim poderemos permitir que cada um de nossos irmãos consiga imprimir com nitidez cada ver maior em nossa vida a vossa semelhança.



7.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE RESISTEM

— “Se teu irmão pecar, repreende-o; se se arrepender, perdoa-lhe. Se pecar sete vêzes no dia contra ti e sete vêzes no dia vier procurar-te dizendo: Estou arrependido, perdoar-lhe-ás” (Lc 17, 3-4).

— “Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada sôbre a rocha”. (Mt 7, 25).

INTRODUÇÃO — Apesar da ajuda do Cireneu, Jesus acabou caindo outra vez. Submeteu-se a tantas quedas para nos mostrar que nunca devemos desanimar. Não ficou no chão. Não se entregou. Suas mãos resistiram e levantaram o corpo para continuar a caminhada. Se ouvirmos sua Palavra e ela nos transformar, assumiremos como êle assumiu nossa fraqueza. Deixaremos de cair.

A — São tão numerosas as nossas quedas. Esforços, resistência, propósitos... tudo acaba rodando. Se nos firmamos em alguns pontos, sempre aparecem outras fraquezas. Muitos de nós já desanimaram e não se levantam mais. Outros já conseguiram acreditar que não caem e o proclamam a todos. Continuam.

B — Senhor, nós queremos aprender a aceitar nossa fraqueza sem ficarmos mais fracos por causa disso. Senhor, nós queremos aprender a aceitar a fraqueza dos outros sem os desprezar por causa disso!

A — Nem sempre nós caímos porque somos cegos ou trôpegos. Muitos vêzes os outros é que nos empurram. Às vêzes nem nos querem derrubar: esbarram com muita fôrça na busca do que os interessa.

B — Nós precisamos aprender a compreender também os que nos derrubam. Porque avançam não quer dizer que não estejam caindo também. Eles têm fome e sede: de compreensão, de afeto, de pão e água.

ORAÇÃO — Senhor, livrai-nos do mêdo de cair, do mêdo do ridículo, do mêdo da humildade. Ensinai-nos a cair para que outros levantem e nós mesmos nos levantemos. Fazei-nos sentir sempre dentro de nós, mesmo derrubados, as vossas mãos que resistem!



8.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE SUPPLICAM

— “Seguiam-no mulheres que batiam no peito e o lamentavam. Jesus disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim mas por vós mesmas e por vossos filhos. . .

— . . . porque virão dias em que se dirá: Felizes as estéreis! Então dirão aos montes: Cai sôbre nós! e aos outeiros: Cobrí-nos! Porque, se êles fazem isso ao lenho verde, que acontecerá com o sêco” (Lc 23, 27-31)

INTRODUÇÃO — As mulheres de Jerusalém foram um exemplo de compaixão: sofreram, junto do condenado que passava, as dores e a humilhação que o atingiam. Sofriam também por ver na morte daquele santo Rabí o fim de suas esperanças em dias melhores. As mãos que batiam no peito eram uma súplica sem fôrcas.

A — Senhor, nós somos certamente aquelas árvores secas que já não choram nem suplicam, porque se tornaram insensíveis e não produzem mais. Mas nós sabemos que viestes para nos reverdecer e nos dar vida nova, e a nossa esperança é grande!

B — Cristo não rejeitou a compaixão daquelas mulheres. Até lhes dirigiu a palavra. Com carinho, censurou o coração duro do povo que não o quisera receber, que não fora capaz de ver nele o Libertador e por isso iria sofrer nas mãos de outros.

A — Senhor, vossa mão abençoa até quando corrige, ensina e abre caminhos. Nós aprendemos que devemos chorar com os que choram mas, para que não chorem mais, precisamos reverdecer e ajudá-los a reverdecer, uma vez que só colhe de verdade quem colhe convosco.

B — Em todos os homens que ainda não morreram ainda existe um fiozinho ao menos de seiva de vida eterna. Deus nos distribuiu através dos séculos e das nações para fazer chegar a todos os seus filhos o impulso muito particular que descobre, ama e faz transbordar em primavera total êsse pulsar de que a maioria nem desconfia.

ORAÇÃO — Ensinai-nos, Senhor, a chorar por nós mesmos, lembrando que somos, por nossa falta de colaboração, ramos secos em uma videira viva cuidada pelo divino Agricultor. Somos felizes porque seremos consolados.



9.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE DÃO VIDA

— “Sou um verme e não um homem, o opróbrio de todos e a abjeção da plebe. Todos que me vêem zombam de mim” (Sl 21, 7-8).

— “O que é incapaz segundo o mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios. O que é fraco segundo o mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes” (1 Cor 1, 27).

INTRODUÇÃO — Antes de terminar a dura caminhada, Jesus ainda caiu uma terceira vez. Era um homem que estava sendo destruído aos poucos. Suas mãos, agora esmagadas sob a cruz, terão custado, desta vez, a reagir. Mas não estavam morrendo, estavam dando vida.

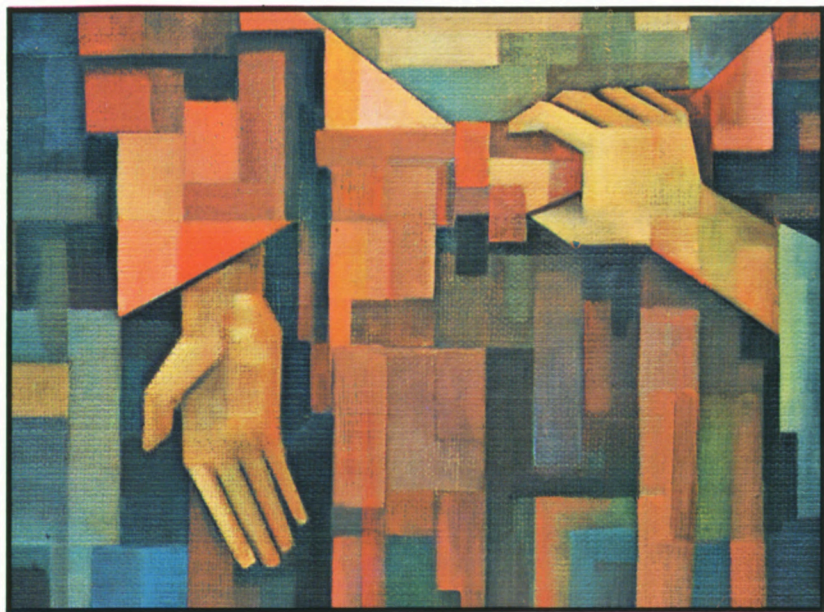
A — Uma das lições importantes do Evangelho é a de que os homens, sozinhos, constroem mal o mundo. Sabem fazer grandes coisas, mas não sabem dar valor a pessoas, nem percebem a verdadeira grandeza que as pessoas têm.

B — Porisso o Filho de Deus veio ensinar que as grandes coisas nada valem, e o ensinou perdendo tudo que os homens acham formidável e escolhendo para construir seu Reino tudo que os homens acham desprezível. Ensinou vivendo, mais do que falando.

A — Porisso êle é o verme, a semente que morre, o caído, o condenado, o crucificado, Porisso êle escolheu para apóstolos pecadores ignorantes e homens desprezados pelo povo como Mateus o cobrador de impostos. Porisso êle nasceu na Palestina.

B — Nós não fomos escolhidos por Deus pela nossa inteligência ou eficiência, pela nossa beleza ou pelas nossas habilidades e recursos. Em nenhum de nossos irmãos podemos ver alguém de quem Deus se esqueceu. Se realmente vivermos Cristo, saberemos descobrir em nossos irmãos o que realmente vale para uma vida que nunca mais vai terminar.

ORAÇÃO — Senhor, fazei-nos compreender em profundidade que o importante é viver e não fazer. Convencei-nos de que as humilhações que nos atingem não nos destroem mas nos libertam para a vida. Faizei-nos bem pequeninos para podermos viver para sempre!



10.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE DESPEM

— *“Repartiram suas vestes, deitando sortes sôbre elas, para ver o que tocaria a cada um”* (Mc 15, 24)

— *“Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo... porque eu estava nú e me vestistes”* (Mt 25, 34 e 36).

INTRODUÇÃO — Chegando ao Calvário, Jesus foi despedido com brutalidade antes de ser crucificado. Ele que nascera no presépio pobre, chegava ao fim da vida no extremo da pobreza: sem a proteção, sem a distinção e sem a dignidade da roupa.

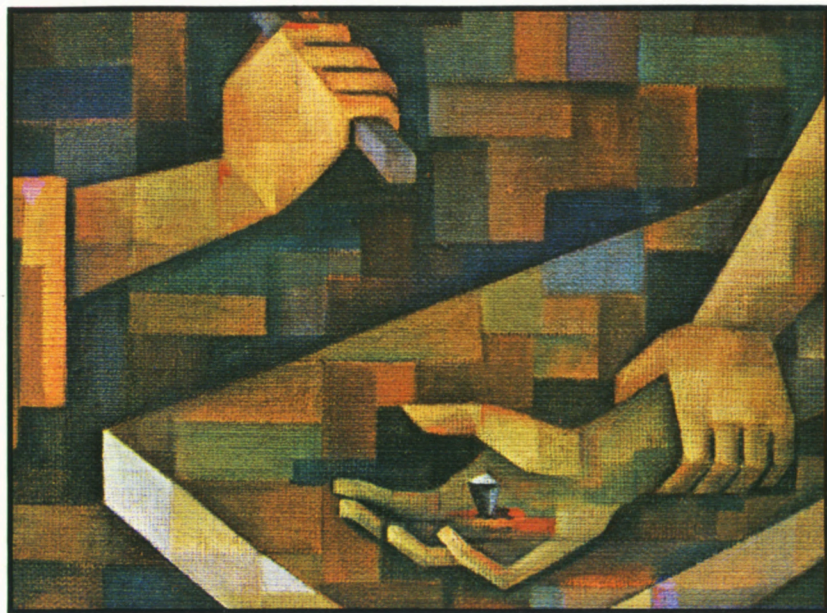
A — Grande parte da humanidade, em um mundo de progresso alucinante, não tem o suficiente para se vestir com um mínimo de dignidade. Muitos foram despojados pelos mais fortes. Os que não foram despojados estão em situação ainda pior, pois devem ter perdido não só a roupa mas a capacidade de conseguí-la, de procurar, de escolher, de se apresentar.

B — Não é porque nunca assaltamos que deixamos de ser depredadores de nossos irmãos. Quando pensamos demais em nós mesmos, quando competimos demais, quando desaprendemos a ceder, quando não nos preocupamos em ensinar, nós também despimos os nossos irmãos, nós também lhes roubamos dignidade.

A — Cristo estava exausto demais para impedir que o despissem, Cristo nos amava demais para fazer parar a torrente de despojamentos a que se submetera por nós. A mão violenta, apressada e desrespeitosa do carrasco cobrou dele o que nós devíamos.

B — Senhor, nós estamos vivendo em um mundo em que os homens se tornaram gananciosos demais e arrancam uns dos outros tudo que podem, mesmo quando não sabem o que vão fazer com as riquezas que acumulam.

ORAÇÃO — Senhor, ensinaí-nos a pobreza de espírito que não precisa acumular tesouros que a traça destroi. Ensinaí-nos a enriquecer nossos irmãos acumulando riquezas no vosso reino.



11.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE SE PRENDEM

— *“Era a hora terceira quando o crucificaram. A inscrição que motivava sua condenação dizia: “O rei dos Judeus”. Crucificaram com êle dois bandidos”* (Mc. 15, 25-27)

— *“Transpassaram minhas mãos e meus pés. Posso contar todos os meus ossos. Êles observam e se alegram”* (Sl 21, 1q-18)

INTRODUÇÃO — Prenderam com alegria, numa cruz que era uma vergonha, e entre dois ladrões, o homem que era Deus e que tinha vindo para nos libertar. Mas êles não sabiam o que estavam fazendo: não o fizeram menos libertador, pois êle era o único livre e, prêso, libertou-nos ainda melhor.

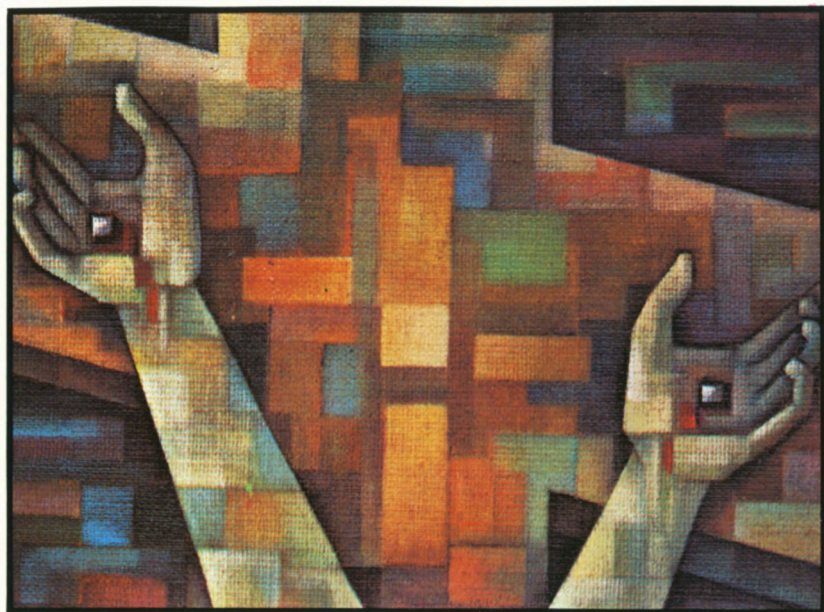
A — Nós ainda crucificamos Cristo muitas vêzes, quando metemos cravos através das mãos dos “menores de seus irmãos” e quando os colocamos em situações embaraçosas. Precisamos compreender que isso é que os acaba libertando, uma vez que a sabedoria de Deus é diferente da sabedoria do mundo.

B — Através de todos os séculos, a humanidade falou em liberdade, lutou pela liberdade. Liberdade de pensamento, liberdade de movimento, liberdade de escolha, liberdade física, liberdade moral, liberdade social... São tantas as liberdades que fazem falta, e até hoje não foram conquistadas.

A — A liberdade que Deus oferece é tão grande que ainda não conseguimos entendê-la por inteiro. A liberdade que Deus oferece é tão fácil, que ainda não acreditamos nela. A liberdade de Deus não é igual à de todo mundo.

B — Só somos livres como Deus e com Deus quando nos prendemos, e só somos capazes de nos prender com liberdade quando amamos. Mas só Deus nos pode dar razões para amar pessoas e não coisas, vida e não ações, pois só êle é capaz de fazer dos homens mais desprezíveis filhos seus e irmãos nossos.

ORAÇÃO — Dai-nos, Senhor, a alegria de nos prendermos convosco, de nos prendermos a nossos irmãos e a suas duras situações. Nós sabemos que assim nos prenderemos a Vós e seremos livres da limitada liberdade dos homens!



12.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE SE ENTREGAM

— “Escureceu-se o sol e o véu do santuário rasgou-se pelo meio. Jesus deu então um grande brado. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. E expirou” (Lc 23, 45-46)

— “Não temais aqueles que matam o corpo mas não podem matar a alma. Temei antes Aquele que pode precipitar a alma e o corpo na geena” (Mt 10, 28).

INTRODUÇÃO — Durante tôda a sua breve vida, êle fez questão de dizer que estava cumprindo em tudo a vontade do Pai. Porisso o apóstolo disse que “foi obediente até à morte, e morte de cruz”. Suas mãos prêsas que sustentam o corpo morto, entregam ao Pai o espírito que nunca deixou de viver.

A — Essas mãos mortas que apontam para o alto nos lembram as mãos de todos os mártires, dos mártires de todos os tempos. Eles também não tiveram medo da morte que só acaba com uma vida efêmera. Nessa vida, como nunca vai acabar, a “única coisa necessária” é estar nas mãos de Deus.

B — Os santos foram todos crucificados e mortos em vida. Viveram mais intensamente que os outros, mas não viveram o que os outros consideram uma vida que paga a pena. Como São Paulo, como São Francisco de Assis, o que importava era estar com Cristo, mesmo crucificado. Também êles estavam nas mãos de Deus.

A — Na morte de Cristo nós aprendemos um pouco melhor o sentido da obediência, tão difícil de aceitar. Obedecer é necessário, porque nos prende a Deus, o único que nos pode libertar.

B — Como Cristo, precisamos nos entregar a Deus. E Deus não está escondido e distante nos céus. Ele vive em nossos irmãos, em suas vontades, em suas necessidades, em seu sentido de humanidade, em seu sentido de História.

ORAÇÃO — Senhor, nas vossas mãos, nessas vossas mãos que, na Bíblia, na Igreja, nas alegrias e nas tristezas dos homens de hoje se estendem para nós e nos sollicitam, nós queremos entregar tudo que de Vós recebemos, para que todos tenham vida mais abundante.



13.^a ESTAÇÃO - MÃOS SEM MÊDO

— *“Quando já era tarde, veio José de Arimatéia, que também esperava o reino de Deus, foi resoluto à presença de Pilatos e pediu o corpo de Jesus”. Depois de ter comprado um pano de linho, José tirou-o da Cruz”. (Mc 15, 4-43 e 46)*

— *“Meu amigo não sei o que queres dizer”. “Não conheço êsse homem de quem falais”. (Lc. 22, 60 e Mt. 14, 71).*

INTRODUÇÃO — Vemos a mão pendente do Senhor dependendo da mão firme do discípulo sem Mêdo. Membro do alto Conselho dos Judeus, José de Arimatéia estava perdendo prestígio e se arriscando quando foi recolher o corpo do condenado. Ele teve a coragem que faltou a Pilatos, faltou a Pedro e falta a nós.

A — Nossa vida está cheia de mêdos, os mêdos de que Cristo nos veio libertar. Mêdo da morte, mêdo da dor, mêdo do ridículo, mêdo da opinião dos outros, mêdo dos perigos, mêdo dos compromissos, mêdo do futuro. O mêdo limita o homem.

B — Todos nós somos corajosos quando temos a retaguarda garantida. Todos somos valentes quando os poderosos estão de acôrdo conosco, quando os fortes estão de nosso lado, quando nosso pensamento é o pensamento comum.

A — Pedro foi corajoso, ao lado de Cristo, quando cortou a orelha de Malco. Foi covarde, separado de Cristo condenado à morte. Nicodemos, que uma noite fôra consultar Jesus encoberto pela escuridão, agora tem a coragem de acompanhar José de Arimatéia para sepultá-lo.

B — A História do Cristianismo, desde José e Nicodemos, passando pelos mártires e chegando a nossos dias, foi escrita por homens e mulheres e mesmo por crianças que tiveram coragem, que não vacilaram em se comprometer com os fracos.

ORAÇÃO — Senhor, dai-nos a coragem que também São Pedro teve, depois que se arrependeu. Dai-nos a coragem da fé, aquela que não nos desampara nunca porque sabe que estais conosco mesmo quando silenciais e os filhos deste mundo estão com a voz forte!



14.^a ESTAÇÃO - MÃOS QUE COMUNICAM

— “No lugar em que êle foi crucificado, havia um jardim e, no jardim, um sepulcro novo. Foi ali que depositaram Jesus”. (Jo 19, 41-42)

— “Do mesmo modo que Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no seio da terra” (Mt. 12, 40)

INTRODUÇÃO — Parecia ter acabado o perigo que uns temiam e ter-se encerrado a esperança de que outros se vinham alimentando. Mas aquelas mãos mortas e inertes estavam comunicando vida, a vida garantida pela ressurreição que é mais forte do que a morte.

A — Nós nos julgamos vivos quando respiramos, quando podemos falar, gesticular e agir, quando podemos comunicar através do nosso corpo alguma coisa daquela intensidade que é vivida no espírito pela nossa personalidade. Quando morremos, o que cessa é a comunicação. Porisso os antigos falavam de mudança para outros mundos.

B — Com Jesus Cristo, nossa vida começou a permanecer. Ele apenas “foi passar” três dias e três noites no seio da terra. Mas reviveu e, mesmo tendo subido aos céus, ficou conosco porque nos deixou o Amor que é o Espírito Santo e êste nos ensina que todos somos palavras de Deus, outros-Cristos.

A — Nesse mesmo Cristo nós vamos continuar vivos, apenas mais intensamente, depois da morte corporal. Com um corpo renovado, como o de Cristo ressuscitado, que saiu do sepulcro, que entrou no cenáculo, que foi para a Galiléia, nós vamos ter a oportunidade de nos comunicar ainda mais cristalinamente.

B — A certeza dessa ressurreição é que nos garante a comunicação do evangelho. A certeza dessa ressurreição é que dá sentido aos homens com quem convivemos e às coisas que fazemos.

ORAÇÃO — Senhor, sofrendo e morrendo como nós, abristes o caminho para nós vivermos como Vós! Ajudai-nos a difundir em tôda parte e a todos os homens esta alegria que descobrimos em vossa morte!



*Na Capela do Seminário
São Francisco
em Nova Veneza - S. P.
encontra-se
a Via Sacra das Mãos*

Reprodução proibida

PEDIDOS: Pes. Capuchinhos - Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 2071

**Lélio Coluccini
expõe escultura**

"Ha 50 anos!"

Inaugurou-se dia 7 do corrente em S. Paulo no Salão Rondá, sito à Avenida Ipiranga, uma exposição de esculturas do festejado artista Lelio Coluccini. Ao ato inaugural compareceu elevado número de artistas, jornalistas, e elementos da sociedade paulistana, além de numerosos campineiros que lá estiveram presentes.

"Correio Popular" 9-VI-94

"Correio Popular" 27-VII-1983



ARQUIVO
Celeo Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Homenagem à cidade das andorinhas



Verônica — Gesso patinado do escultor Lúcio Coluccini, da Academia Campineira de Letras e Artes, exposto em 1973 no Salão Paulista de Belas Artes.

ARQUIVO

Celso Maria de Mello Pupo
Campinas SP

Diário do Povo 17-III-1974

Coluccini - Mari
(Filha de Lelio)

"Correio Popular" 20.XII - 1993

MARI COLUCCINI



Mari Coluccini (foto) convive com esculturas desde o dia em que nasceu. Filha de Lelio Coluccini, um dos expoentes da escultura na cidade, realizou seus primeiros trabalhos aos cinco anos de idade. Seu grande divertimento, quando criança e adolescente, era passear no Cemitério da Saudade com o pai e admirar as esculturas, verdadeiras obras de arte, que ornamentavam os túmulos. Estudou com o pai e aprendeu a "sentir" a pátina. Depois largou a escultura e passou a se dedicar às atividades físicas - yoga, ballet e expressão corporal - o que lhe possibilitou uma outra abordagem das formas e do corpo humano.

Foi na Índia, admirando as estátuas sensuais e voluptuosas dos templos tântricos que ela retomou às esculturas e descobriu seu caminho de artista. Seus trabalhos ficaram definitivamente

marcados por estas estátuas de mulheres de grandes peitos e nádegas, por homens, e casais no ato do amor, "pela liberdade de ver o corpo humano em todas as situações e posições", conta.

Em 1986, assumiu definitivamente a escultura e logo em seguida venceu um concurso promovido pelo plano de saúde *Blue Life* para a escolha de uma estatueta para premiar personalidades. Serviu para reafirmar o caminho. O trabalho que nos mostra *Leda*, de 1993, foi feito em terracota, técnica em que Mari se especializou. Realiza também esculturas em bronze, com a temática sensual que marca sua obra. "Considero o belo, feio, pois é cheio de regras e conceitos. Eu os transgriro através da exuberância, da voluptuosidade e da sensibilidade", sintetiza. (João Batista Cesar).



Concillio - A de

duas grandes telas colunidas as paredes da Capela-mór da Igreja da Santa Casa de Campinas - "A Cidade" de 13 e 14 de Março e 27 do mesmo mês de 1907.

Repintadas pela desastrosa provedoria de Osvaldo Urbano em 1993, mas refeito posteriormente

PINTOR MAGNELO CORREIA

Especialista em retratos a óleo, costume elegante das classes abastadas no fim do século XIX, deixou vasta cópia de trabalhos em Campinas, que encontramos de junho de 1897 a novembro de 1911. Pelo ano de 1900, estava estabelecido à rua de São Carlos (atual Moraes Sales) nº 114.



Nº 396 - MANUEL FERRAZ DE CAMPOS SALES.

Dimensões: alt. 0,80; larg. 0,65.

Material: óleo

Exterior: cores. Época: início do século XX.

Procedência: pertenceu ao Comendador Francisco de Paula Camargo (III) que o deixou para a sobrinha Sílvia, filha de Luís de Campos Sales e casada com Antônio Temístocles Proença. Camilo Marrone o adquiriu e o destinou a um museu, determinação cumprida pelo seu filho ofertante.

Origem: pintura de Agnelo Correia, pintor.

Ofertante: Cônego Favorino Marrone, em 21/5/1971.

Observações do Museu: a procedência se deve a informações do Com^{CE} Teodoro de Sousa Campos Júnior.



Nº 444 - CONDE DOM JOÃO BATISTA CORREIA NERI

Dimensões da tela: altura 0,70; largura 0,56.

Material: óleo sobre tela, com moldura dourada.

Exterior: cores.

Época: 1901

Procedência:

Origem: obra do pintor Agnelo Correia.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.



Nº 542 - CONDE DOM JOÃO BATISTA CORREIA NERI.

Dimensões: alt. 0,82; larg. 0,69.

Material: óleo sobre tela, com moldura.

Exterior: cores do natural.

Época:

Procedência:

Origem: obra do pintor Agnelo Correia.

Ofertante: Cúria Metropolitana de Campinas.

Observações do Museu:

Correia - Agnello

Em 1900 estava estabelecido à rua de São Carlos
n.º 114 em Campinas:

Retratos de Marechal Deodoro, de Floriano
Peixoto, de Prudente de Moraes, de Manuel
Vitorino ("Cidade" de 9-VI-1897)

Retrato do médico dr. Melchert para
a Beneficência Portuguesa em 1898

Retrato de Amâncio Penteado "A Cidade" 4-IV-1902

Retrato de Campos Sales "A cidade" 11-X-1902

Retratos de Prudente de Moraes e Bernardino
de Campos ("A Cidade" de 7-IV-1903)

Retrato de Rodrigues Alves

Retrato da Baronesa de Jundiaí (A Edad de 26-II-1907)

Retrato de Dom Neri ("O Mensageiro" de 5-XI-1911)

Retrato de Raquel (Umbelina de Camargo, no
Museu "Voluntários da Pátria" de Araraquara

Retratos na Santa Casa de Campinas, núme-
ros 12 e 13

Óleo de AGNELO CORREIA



Retrato de Manuel Ferraz de Campos Sales

Tela de 1902

Coleção do Museu Arquidiocesano
de Campinas.

Óleo de AGNELO CORREIA



Retrato de João Batista Veloso

Tela de 1902

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de AGNELO CORREIA.



Retrato de Dr. Manuel de Assis Vieira Bueno

Tela de 1906

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Costa - Evangelista

Óleo

Retrato de John Ross (Gazeta 30-IX-1886)

Retrato da filha de Paulino Muniz, Adalgisa,
na "Gazeta" de 30-IV-1886

Retrato de Serônimo de Campos Freire, na
Gazeta de 21-I-1887

Uleio

~~Augusto~~ Croti, Augusto

Theodoro Braga, 76 Landelino 518.

Coletãi Sta Casa, quadros n^o 21.

Óleo de AUGUSTO CROTTI



Retrato de Inácio Leite Penteado

Tela de 1914

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Cunha - Hilarião A. da

decorador da casa da Fazenda Recreio, com
José Pedro de Góes (veja "Campinas, Muni-
cípio no Império", 177) -

Aquarelas inéditas das viagens de Debret

MIGUEL DE ALMEIDA

Da nossa equipe de reportagem

À semelhança de um afoito lambe-lambe, Jean Baptiste Debret desembarcou no Brasil nos primeiros dias de maio de 1816. Veio na bagagem de Dom João 6º, perambulou por terras brasileiras e ficou conhecido por Debret. Retratou, como um "pintor de história" (sua autodefinição) centenas de paisagens, entre costumes, arquitetura e geografia. Alguns dos trabalhos, cerca de seiscentas aquarelas, feitas a pedido de seu anfitrião, e pagas por ele, foram editadas sob o título de "Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil". A partir de quinta-feira, 19h00, no Museu da Casa Brasileira (avenida Faria Lima, 744), uma mostra comemorando os 150 anos da edição e, de quebra, a exposição de quarenta aquarelas inéditas, deixadas pelo pintor em Paris. A organização e promoção é da Secretaria Estadual de Cultura.

A coisa é interessante. Como documento. As aquarelas da "Viagem Pitoresca..." pertencem à Fundação Raymundo de Castro Maya. O livro possui cerca de seiscentos trabalhos, mas Castro Maya conseguiu comprar somente trezentos deles, a outra parte estando ainda hoje desaparecida. O acervo há muito não é exibido, principalmente pela falta de espaço. Tudo ficará resolvido quando em junho for aberta a Sala Debret, localizada em um sítio de Castro Maya, na Barra da Tijuca. Ao morrer, ele doou as aquarelas à Fundação Pró-Memória.

De interessante, as inéditas aquarelas de Debret. São quarenta e elas pertencem ao casal Maria Antonieta e Bernard Henri Louis de Bonneval, também conhecidos como marqueses de Bonneval. São duas histórias, na verdade. Uma da viagem do pintor-retratista pelo Sul brasileiro e, a outra, a que envolve a descoberta dos inéditos. Maria Antonieta ganhou das mãos de seu tio, Antonio de Almeida Correia, a incumbência de guardar aqueles trabalhos e nunca deixá-los sair do Brasil. Almeida Correia tinha o curioso hábito de frequentar livrarias e, numa delas, a Nourry, depois em 1905, encontrou as aquarelas encadernadas e com o título de "24 Vistas do Brasil". A capa estava errada porque dentro existiam quarenta paisagens. Almeida Correia voltou ao Brasil e tratou de guardar

bem os trabalhos — o que aconteceu: eles ficaram muitos anos dentro de um guarda-roupa, ao lado de sapatos. Antes de morrer, em 63, com 96 anos, passou o caderno à sobrinha Maria Antonieta. Uma única vez as aquarelas saíram da casa dos Bonneval e foi em 1970, quando a Editora Companhia Nacional comemorou cinquenta anos e fez um livro-brinde com os trabalhos de Debret. A edição era pequena mil exemplares — e dirigida. Pouco conhecida, então.

A viagem de Debret é obscura. Por algum tempo, inclusive, desconfiou-se que o retratista não tivesse se enveredado pelo Sul do País. As gravuras esclarecem as dúvidas. Pelo que se sabe, em 1827, meio desanimado com as futricas da Corte, já chateado com a mesquinha cultura brasileira, ele saiu do Rio de Janeiro pelo interior e foi até Santa Catarina. Foi pelo interior e voltou pelo litoral. Viagem curiosa, anote-se. Retratou, entre outras cidades, paisagens de Ponta Porã, Votorantim e até Sorocaba — algo exótico, sem dúvida. As cenas são demais de pitorescas — em uma delas, surgem alguns índios, voltando da caça; em outra, vários morros, bem coloridos.

Há uma dúvida, de difícil esclarecimento. Ao retratar uma praia paranaense, há a suspeita de que determinada elevação, dentro do mar, seja uma baleia. De fato, a natureza é engraçada. Os exegetas de Debret ainda não conseguiram desvendar se ele era ou não fiel ao que reproduzia em seus trabalhos. Se ele entrava ou não em desvario. Em uma das aquarelas, por exemplo, Debret registra aquilo que seria um rochedo, na região de Parati

(RJ), mas com incrível semelhança com um cogumelo. Ninguém sabe se o sujeito desenhou sua viagem. Isso é o de menos. Debret, como qualquer paisagista-retratista, também deveria ter seus instantes de alucinação quando, tomado por uma vontade de melhorar o desenho, teria acrescentado ou fantasiado a natureza. Sabe-se, nem sempre a natureza é correta e bela. Santos é um exemplo.

No Brasil, Debret ficou quase dezesseis anos. Gostou da terra, conforme deixou registrado em poucos escritos e declarações. De interessante, seu lado aventureiro. De cara, a viagem ao Brasil, num convite formulado pelo embaixador brasileiro na França,

Marquês de Marialva. Na mesma época, Debret também fora convidado a integrar uma viagem artística à Rússia, pelas mãos do Tzar Alexandre 1º. Preferiu o Brasil. Embarcou no "Havre" no dia 22 de janeiro de 1816. Pisou lá no Rio de Janeiro 73 dias depois — o que já era uma tremenda aventura. Voltaria à França em 1832, com saudades da sua terra e chateado com a mesquinha cultural da Corte. Percebe-se, temos muitas raízes no passado. De todos os outros paisagistas que rodaram o Brasil colonial — como Post, Ender e Rugendas — Debret foi o que conseguiu a maior popularidade, o que não significa possuir o melhor trabalho de lambe-lambe do pincel e tinta. Sua viagem ao Sul brasileiro foi de motivação pessoal, por ela nada ganhou e foi por puro devaneio. Viajava e levava o caderno de anotações e desenhos. Seu gosto pelo lado da epopéia, demonstrado em seus trabalhos sobre a Antiguidade Clássica e o tempo de Napoleão, foram aqui traduzidos nos registros de matas, morros e planaltos brasileiros. Sonhou pouco, mas viveu em desvario. Também vale.



Renato dos Anjos

O rochedo, em forma de cogumelo: visão de Debret em Parati



Fidelidade ao retratar os índios voltando da caça, em Ponta Grossa



Debret, 'pintor de história' em sua autodefinição, retratou os costumes do Império

Óleo de LÁZARO DIOGO



Escola de Portinari

Telas de 1976, em exposição na Academia Campinense
de Letras, inaugurada a 13/09/1976

Coleção do autor.

crayon - oleo

donato, Ustorino

retato a Carlos Gomes, (Cidade 6.VI - 1905

reza" A Cidade - 22.VIII - 1906 (?)

Almanaque de Piracicaba para 1900, fls. 162, diz:
"houve nesta cidade o Museu do Miguelzinho até a sua morte, fato
que causou ao Museu a falta de conservação até que foi vendido ao
Museu Paulista".

Catálogos dos Salões Paulistas de Belas Artes:

de 1938, pag. 52, de Arquimedes Dutra, "Revivendo - Minha Mãe";
de 1939, pag. 53, de Arquimedes Dutra, "Paisagem Colonial",
de 1939, pag. 60, de João Dutra, "Canto de Mesa".

Tem trabalhos na Pinacoteca do Estado:

Alípio Dutra,
Antônio de Pádua Dutra e
Arquimedes Dutra.

Archimedes Dutra morre aos 75 anos

Morreu em Piracicaba, aos 75 anos, o pintor Archimedes Dutra, um dos mais conceituados artistas figurativos do País. O pintor foi sepultado no Cemitério da Saudade, depois de seu corpo ter sido velado no prédio principal da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Como derradeira homenagem, a Coordenadoria Municipal de Ação Cultural de Piracicaba proporá a criação do Museu Archimedes Dutra, com a Prefeitura devendo efetuar o tombamento da casa onde residia o artista, situada na rua XV de Novembro, próximo ao Instituto de Educação Sud Mennucci, e onde existe um grande acervo histórico e artístico acumulado por Archimedes durante toda a sua vida, desde o primeiro quadro que pintou, com a idade de oito anos, essas que trouxe da Itália, onde fez cursos e foi diplomado pela Academia de Belle Arti, de Roma, em 1948.

Correio Popular. 3-VII-1983

Artes Visuais

Onde está Miguelzinho?

FERNANDO CERQUEIRA LEMOS

Recebi denúncia pelo telefone de assíduo leitor, de que, indo ele ao Museu Paulista (do Ipiranga), constatou a ausência de todo o acervo de 72 aquarelas do importante pintor paulista do século 19, Miguel Arcanjo Benício da Assunção Dutra, conhecido por Miguelzinho.

Dada a importância da informação, telefonei na 4.ª feira passada à historiadora Maria José Elias, lotada naquela instituição, solicitando autorização para fotografar as obras de Miguelzinho. A resposta veio por escrito no dia seguinte, 5.ª feira: "Caro Lemos. Lamento não poder atender ao seu pedido verbal para fotografar algumas das aquarelas de Miguelzinho Dutra, porque, segundo informação do responsável pela pinacoteca do Museu Paulista, sr. Lúcio A. Pegoraro, as 72 (setenta e duas) aquarelas foram retiradas pelo sr. Valter C. de Queiroz Guerreiro, para estudos e fotografias, sem determinação de prazo para devolução."

Insisti, então, para fotografá-las onde estivessem. Na sexta-feira última, dia 16, Maria José Elias manda outra nota escrita: "Lemos. Apesar da autorização do diretor do Museu Paulista, para o repórter da "Folha de S. Paulo" fotografar algumas aquarelas de Miguelzinho Dutra, nada poderá ser feito, pois as mesmas não se encontram no MASP — segundo o diretor Pietro M. Bardi — e sim numa gráfica — cujo nome não foi revelado — para confecção de fotolitos."

Paralelamente o prof. Setembrino Petri, diretor do Museu Paulista assina ofício em 16 de maio, que me foi encaminhado, autorizando fotografar as peças no MASP: "Senhor diretor (Bardi). Tem este por finalidade comunicar a V.S.ª que a profa. Maria José Elias, funcionária do Museu Paulista, está autorizada a fotografar, juntamente com um repórter do jornal "Folha de S. Paulo", as aquarelas de Miguelzinho Dutra pertencentes ao Museu Paulista e que se encontram no Museu de Arte de São Paulo."

Maria José Elias, conforme sua carta já transcrita, telefonou ao prof. Bardi, obtendo a informação



Retrato de Miguelzinho, por Pádua Dutra (1928).

de que as aquarelas não estavam no MASP e sim numa gráfica para fazer fotolito, cujo nome e endereço não quis revelar.

Não é necessário enfatizar a gravidade do caso, dada a importância dessa coleção de 72 aquarelas, sendo que todas estão tombadas a nível federal pelo Sphan.

Ouvi do arquiteto Antônio Luís Dias de Andrade, diretor do Sphan em São Paulo, que a transferência de qualquer peça do Museu Paulista (cujo acervo é tombado) para outro local deveria antes contar com a ciência e autorização do Patrimônio Histórico. Uma vez que o transporte implica em riscos, deve haver controle e todos os cuidados precisam ser tomados. Entretanto, nem o Museu Paulista e nem o MASP comunicaram o empréstimo irregular.

Miguel da Assunção Dutra, nascido em Itu em 1810 e falecido em Piracicaba em 1875, é autor de importante obra, documento de transcendental importância para a iconografia paulista do século 19, tão pobre de imagens.

Executando uma pintura ingênua, de raro interesse, Miguelzinho auxiliou o padre Jesuíno do Monte Carmelo na decoração da igreja do Carmo de Itu, também tombada pelo Sphan e pelo Condephaat.

Miguel Dutra foi citado pelo naturalista suíço barão J. J. von Tschudi, que em meados do século

passado visitou Piracicaba (quando o artista construía a igreja da Boa Morte). Vom Tschudi conheceu a obra de Miguelzinho e disse dele em seu livro, editado na Alemanha, "Reisen durch Sud Amerika": "Asseguraram-me que se tratava de um homem modesto, trabalhador incansável e extremamente talentoso, que teria conquistado renome se tivesse tido uma educação adequada na Europa."

As aquarelas que saíram do Museu Paulista foram executadas entre 1835 e 1855, portanto, há praticamente 150 anos, correndo riscos, onde quer que estejam, graças à sua fragilidade, de danos irreparáveis, o que seria um desastre. Além do risco de sumirem definitivamente.

Aliás, sabe-se que um "contador", móvel de extrema importância e raridade, do século 16, pois só existiam dois no Brasil, um no acervo do Museu do Ipiranga e outro na coleção de Tácito de Almeida (documentados pelo pesquisador José Wash Rodrigues), simplesmente sumiu do Museu, como um passe de mágica.

As aquarelas de Miguelzinho foram retiradas do Museu Paulista pelo antiquário Válder Cavalari de Queiroz Guerreiro, que acumula as funções de assessor do diretor da entidade, o geólogo prof. Setembrino Petri, ex-diretor do Instituto de Geociências.

Esse acervo, resta perguntar, saiu do Museu Paulista pelo menos com a devida autorização de seu Conselho (que o Museu deve ter um)?

De gravidade ainda se reveste o fato dessas aquarelas serem enviadas a uma oficina de fotolito, onde a coleção poderá sofrer maus tratos e prejuízos irreversíveis.

Se o Masp pretendia fazer uma exposição de Miguelzinho ou algum trabalho em torno deste artista, deveria isto sim, mandar seu fotógrafo reproduzir as obras no próprio Museu Paulista, sob as vistas de seus responsáveis. A raridade e a importância da obra de Miguelzinho Dutra não permite que fique sendo levada para baixo e para cima. Foi feito, pelo menos, o seguro?

E, nesta altura, como ficam os pesquisadores e estudiosos, interessados em examinar as aquarelas? Sei que uma professora de História da Arte de Londrina esteve no Museu Paulista e de lá foi encaminhada ao Masp para mostrar a seus alunos a obra de Miguelzinho. O que não foi possível, porque tudo está em endereço desconhecido.



Igreja do Rosário da Vila de Casa Branca (1854), uma das aquarelas do acervo do Museu Paulista.

Um século depois, o Masp redescobre Miguel Dutra, um artista que documentou o interior de São Paulo no século 19

Miguelzinho Dutra, nosso artista-documento

Pietro Maria Bardi

Viveu, entre 1810 e 1875, em Itu e Piracicaba, uma personagem que julgaria como das mais simbólicas da arte nacional: Miguel Arcanjo Benício da Assunção Dutra, arquiteto, pintor, escultor, músico, construtor de órgãos, voltado também para o artesanato, e distinto por uma honesta e generosa atividade social e religiosa.

Sua obra foi extraordinária, podendo ser comparada àquela de inúmeros elementos da Renascença cujos nomes perderam-se nas noites dos tempos, os que desempenhavam todos os ofícios, indo desde o preparo de um arco de triunfo até os afrescos de igreja. Aliás, Miguelzinho construiu vários daqueles monumentos provisórios.

Sei muito bem que falar em Renascença dá galho, pois o estúpido período continua sendo tabu. Várias vezes, com colegas de museus ou com historiadores, tive de sustentar um argumento ainda motivo de divergências: a atribuição de algum valor às produções de artistas geralmente classificados menores, provin-

ciais, popularescos; sem contar quando são julgadas manifestações regionais ou de épocas como imitativas ou fora do gosto e das consagrações decretadas na Europa. Um exemplo: o Barroco sul-americano.

Ocorreu-me levar a Minas um estudioso de Bernini, e para minha surpresa ele não compreendeu e não se interessou pelo Aleijadinho, estranhando meu entusiasmo pelo mestre. Deve-se juntar a este sistema de opinar também o apego que os historiadores têm para com as produções circunscritas ao território nacional deles, isto é, o hábito de apreciar por comparação, e a mania de concentrar os méritos só nos campeões famosos.

Assim, pode ser que o chamar Miguelzinho de mestre não seja aceito por colegas com os quais, às vezes, dissenti a respeito do valor dos que apelidam de "menores". Miguelzinho foi um ser a serviço das artes como conjunto, raça que andou desaparecendo no Oitocentos, quando

as profissões se sistematizaram e se compartimentaram.

ooo

O Esquecido é hoje manchete. Depois de exatamente um século e sete anos, ele recebe a primeira lembrança digna. E compreendida numa plaqueta que, finalmente, permite conhecer os inéditos conservados no Museu Paulista desde o tempo que foram removidos do Museu de Itu, lá provindo do Cabinet criado pelo Artífice em Piracicaba. Na sua multiforme atividade se inclui uma das primeiríssimas instituições para a conservação da Memória, um museu.

Foi o autor destas notas quem teve a idéia da publicação e o Masp da edição, levando-a a bom termo, superando as costumeiras vicissitudes, normais quando alguém se mete em empresas culturais. Estas têm sempre donos ou donas de assunto que perseguem os que lhe pisam inconscientemente nos calos. Quando este repórter apreendeu, através a

coleção "Arte no Brasil" da Editora Abril, que aquarelas de Miguel dormitavam nos arquivos

do Museu Paulista, correu ao seu diretor, prof. Setembrino Petri, dele obtendo a permissão para vê-las e fotografá-las. Demonstrando forte dor de cotovelo, uma pretensiosa dona do assunto "Miguel", atuante na praça, esbravejou, caso corriqueiro na república das artes, ainda carente de cordialidade, prevalecendo o pistoleirismo de festim.

ooo

Relevo a mesquinha pensando na figura adorável de Miguelzinho e nos seus beatos tempos, então sem repúblicas culturais, para em seu lugar vicejar a cultura caseira, mais na base do convívio com os padres, o prefeito, o chefe da Província recebido com música, para o Imperador hinos e para o Divino sinos bimbando e ruas atapetadas de pétalas de flores. Devemos pensar na Itu e na Piracicaba do século passado.

A incursão, seguindo o itinerário do meu Herói, foi das mais atraentes. As vezes, a curiosidade me levou a investigar personagens beatificadas na História, como o foi para mim ao redigir o Catálogo das obras de

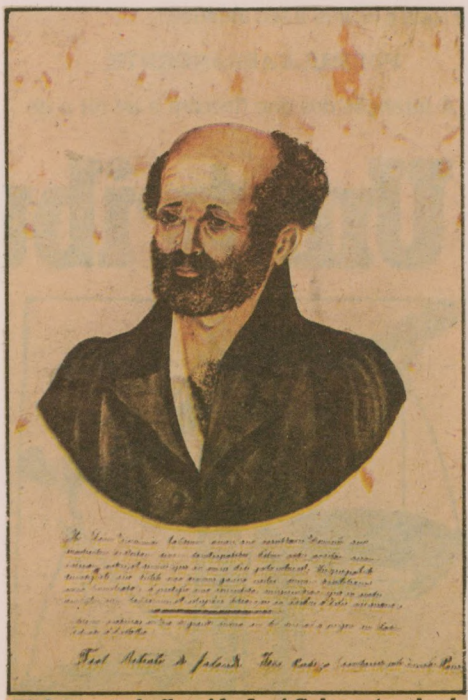
Velasquez (editado nos Clássicos Rizzoli, apresentado por Miguel Angel Asturias, Prêmio Nobel, e traduzido para várias línguas) em que tomei a liberdade de me manifestar com reservas, a respeito do caráter do campeão absoluto da Pintura, que vivia na Corte, submisso, aceitando manter-se no posto hierárquico n.º 40, quando a Corte acompanhava o Rei a presenciar o flagelo dos touros nas corridas madrilenhas. Reclamava porque não funcionava uma fechadura, sempre esperando tirar alguma vantagem, mais esquivo que amical, talvez

sem se dar conta de que era nada menos que Velasquez. Miguelzinho, pelo contrário, era muito dado, nada reclamador, apaixonado em se multiplicar em ações de caridade, atendendo a qualquer chamada.

O fervor religioso e sua vocação missionária se manifestaram numa obra característica da sua devoção. Em 24 de fevereiro de 1851, falou-se "com cinco patacas," cria uma Irmãdada, invocando-se a proteção de N.S. da Boa Morte. Dois anos depois é iniciada a construção de um templo. Custar-lhe-á nada menos que vinte anos de trabalho, ficando evidente a magnitude do esforço. A igreja foi construída 'com as próprias mãos', como disse um cronista e confirmado por um visitante estrangeiro, o barão suíço Johan Jakob von Tschudi: "Pôs mãos à obra, inflado de um zelo verdadeiramente religioso, e, com os modestos recursos financeiros que conseguiu, levou-a até onde pôde... se tratava de um homem modesto, trabalhador, incansável e extremamente talentoso, que teria



Salto de Itu no Tieté, 1845 — Aquarela sobre papel.



Fiel retrato do falecido José Cabeça (conhecido com o nome de Padre)



Frei Ildefonso Xavier (São Paulo) — aquarela sobre papel.



Cego guiado por um preto — aquarela sobre papel.



Pedreira, Itu — Aquarela sobre papel.

conquistado renome, se tivesse tido uma educação na Europa.

O altruísmo de Miguelzinho era desvanecedor. Acalentou o sonho de ver em pessoa o Imperador, indo até o Rio de Janeiro, numa viagem milagrosa que o deteve por semanas em Santos, à espera de um barco. Não foi à Corte para reclamar ou pedir favores, mas para oferecer ao Soberano um oratório com a imagem de N. S. da Boa Morte.

ooo

Falando de Miguelzinho, na plaqueta, não o confrontei com outros colegas da Antiguidade; mas o penso como ajudante de um "magister" do Românico. O Artífice de então aceitava não importava qual tarefa. A arte era criação de populares e os operadores surgiam por acaso, como se deu no Brasil colonial, espontaneamente ou por necessidade, sem muito ofício, procurando alcançá-lo na experiência. Miguelzinho, apesar dos idos tempos imperiais, deve ser considerado como um artista de espírito românico, racional, simplificador. Seu jeito era o de fazer,

sem se cansar. Paisagista e retratista como pintor, escultor de talhas e altares ainda seguidor dos modos decadentes do Barroco, arquiteto, músico, compositor; numa definição capaz de produzir de tudo.

Affonso d'Escragnoille Taunay, escreveu que a Miguelzinho "se deve a iconografia paulista e assinalados serviços ... homem que deve ter tido singular intuição artística para resistir à ação asfixiante do meio tão atrasado do Brasil contemporâneo, sobretudo avesso ainda à arte ... Foi quem desenhou a série de vistas que ornava a planta de 1841 de Rufino Belisário e Costa, os mais antigos documentos iconográficos conhecidos na capital paulista".

Classificaram Miguelzinho de pintor primitivo. Espontâneo sim, ingênuo não, distinto, possuidor de uma experiência técnica e dono de um 'ponto de ação' natural, ignorando qualquer preceituação na benéfica distância da qual gozava em Itu, ignorando o Taunay como um dos últimos artistas êmulos de David, perplexo frente à estética

atrasada que encontrou na capital da Terra que logo deixou.

Referindo-se ao frei Jesuíno do Monte Carmelo, num ensaio dedicado à pintura religiosa de Itu, escrevia Mário de Andrade, em 42 no "O Estado de S. Paulo": "Primeiramente não parece de forma alguma que Miguel tenha colaborado nas decorações religiosas de Itu. O Museu Republicano possui dele uma coleçãozinha de desenhos coloridos, que o demonstram demasiadamente imperfeito na técnica da pintura... obras francamente incorretas como desenho e colorido, para que esse mero curioso da pintura pudesse receber encomenda de quadros de assunto religioso".

Hoje essa convenção historiográfica da arte parece superada, uma vez que todas as manifestações apresentam sua originalidade e autonomia. O conceito de primitivo é atribuído aos assim ditos naïfs, recorrendo como elemento principal ao aduaneiro Rousseau, que em 1886, em Paris, tinha se apresentado no Salão dos Independentes, pintor

posteriormente descoberto por Picasso e Apollinaire, seguindo um lançamento que determinou a maratona na senda do gosto primitivista, prosperando também no Brasil que o cultivava de há muito. De fato como classificar, se não de arte primitiva, os painéis das guerras contra os holandeses conservados no Museu do Recife?

ooo

Gostaria de saber escrever sobre uma vida, começando pelas dores do parto da mãe do biografado e terminá-la com o texto do último discurso fúnebre em honra do tal. Nunca tive jeito para traçar verbetes, detestando ardentemente os curriculuns.

Nas aquarelas dutrianas rico é o conjunto dos retratos. Deve-se dar o devido relevo a este setor, tendo-se presente o conceito de Benedetto Croce de que nesta manifestação o artista exprime a si mesmo, espelhando o próprio sentimento e não o do modelo. Assim, eis a possibilidade de se tentar o retrato psicológico do autor. Traços mais típicos: a simplicidade, a bondade, o senso cívico já

que todos os seus contemplados são as personagens das procissões e das conversas nos bancos da praça pública, nenhum deles sendo portador de traços que indiquem posições privilegiadas.

Porque Miguelzinho se transferiu para Piracicaba? Foi chamado a trabalhar naquela cidade para executar serviços na Matriz, que em 1844 passava pelas vicissitudes inerentes a tais empreendimentos, a Câmara votando uma verba de dois contos de réis da Província "para que não parem os trabalhos". Apelaram a Miguelzinho para executar o retábulo, como um entalhador 'de outra povoação'. O 'entalhador' tornou-se de fato um mestre de obra.

ooo

A vida do Ituano é bem rica de fatos. Nestas notas foram desfiladas algumas notícias e juntadas algumas ilustrações. Peço desculpas por não ter contado ao leitor tudo da personagem, convidando-o a ver a plaqueta "Miguel Dutra — O Politérico Artista Paulista", ilustrada com 50 planchas a cores, encadernada.



Comendador de Cristo — aquarela sobre papel.

6 NOV 1935

Joaquim Miguel Dutra

Dr. Osorio de Sousa

Lendo n' *O Estado de São Paulo* de 27 do corrente mez de Outubro, assignado pelo pseudonymo V. Cy, que é o de um notavel escriptor e assiduo collaborador da mesma folha, a associação de idéias me despertou o dever de escrever mais alguma cousa, além do que já escrevi, a respeito do musicista e pintor Joaquim Dutra, fallecido nesta cidade de Piracicaba em principios de 1930.

V. Cy, descrevendo o circulo de relações particulares de seu pai, cuja casa era um cenaculo de poetas, pintores, jornalistas e outros cultores da arte nos seus lineamentos mais altos, apresenta, como recordação da sua adolescencia, a figura, já um tanto esbatida na em memoria, de um certo pintor chamado Castagnetto, que era um perfeito bohemio neste vale infernal onde não é com tristezas que se pagam dividas.

Castagnetto, dis V. Cy, exalava um cheiro que era todo um conjuncto de alcool e tabaco, o que faz crer que fumava no cachimbo e pontificava na santa e milagrosa igreja de Bacco. Si dispunha de tela para pintar perspectivas de marinha, para as quaes tinha acentuada predilecção, muito bem; si a não tinha, tomava qualquer fundo de caixa vasia de charutos e fazia brotar de dentro della com o seu pincel magico um canto de enseada, com recórtés pitorescos de montanhas, palmeiras encantadoras e um trecho glauco de mar por onde fazia passar uma chalupa de velas entumecidas por galernos ventos. Ou isso ou qualquer outra scena da vida á beira-mar.

Era dessa habilidade que o modesto pintor tirava o indispensavel para a sua vida *au jour le jour*, como dizem de um modo muito expressivo os francezes em relação a pessoas que não têm capitaes a juros e que comem num dia o que ganham no dia anterior.

Ha em tudo isso qualquer cousa de semelhante ao saudoso Joaquim Dutra, de quem fui amigo desde a mocidade até aos ultimos dias de sua vida. Era quasi infallivel, diariamente, ver o nosso paizagista com um quadro envolto numa meia folha de jornal, segurando-o pela extremidade e percorrendo placidamente os jardins e logradouros publicos, afim de encontrar comprador. Vendido, embolsava o cobre e o consagrava no mesmo dia ao altar de Sileno, mas com a dignidade de um epicurista de luxo e sem sacrificar a familia, da qual era um chefe amoroso e dedicado.

A sua predilecção nos seus ultimos tempos era para os trechos marulhosos do salto de Piracicaba ou para as perspectivas onde a placidez argentina das aguas contrastava com a verdura viva dos nossos campos e florestas. Por vezes tambem casas, ruas ribeirinhas, chaminés alterosas, embarcações fluviaes.... davam á natureza a intensa vida do homem em luta para o pão nosso de cada dia. Delle pos-

são dois trabalhos preciosos : uma placa de advogado e uma tēla onde uma melancia, da qual está destacado o primeiro gōmo triangular, enche-nos a bocca de saliva quando a vista chega aos pontos mais vermelhos em que ha regimentos de sementes pretas. Ao redor della, cachos de uva preta, bananas e duas maçãs apetitosas como o esurino mais eficaz e milagroso num estomago rebelde á fome.

Isso mostra quanto era plastica a habilidade artistica de Joaquim Dutra para a arte de Apeles, sem levar em conta tambem a sua bella intelligencia para a cultura musical ; pois Joaquim Dutra compunha excellentes valsas e mazurcas de 3 partes e era um eximio oficleidista nos bons tempos da sua mocidade. Tendo estado nesta cidade ha muitos annos uma companhia lyrica e precisando o regente de mais dois musicistas para preencher claros de õboe e lagote, eu e o Dutra tivemos a honra de ser admittidos por convite posto que tocando instrumentos similares aos que faltavam : com a flauta fiz as vezes de oboista, enquanto Dutra com o seu oficleide fez as vezes de fagotista.

Parece-me que cada um de nós deu o seu recado com bastante cautela, apesar de termos tido um só ensaio, e esse mesmo no meio de um ruido infernal de martelladas para o preparo dos scenarios.

Em 19 ou 20 de Abril de 1930 Joaquim Dutra falleceu nesta cidade de Piracicaba, sua terra nativa, deixando tambem muitas pinturas decorativas de predios e igrejas, bem como pinturas a fresco, uma das quaes ainda se conserva no Hotel Central, posto que já um tanto avariada pelas intemperies e pela soalheira.

Tristes, muitos tristes foram os seus funeraes : não se contavam mais de umas vinte pessoas que levavam—á mão—o feretro á sua derradeira morada. Eu mesmo não pude acompanhá-lo mais que na distancia de um quarteirão, tal o estado de fraqueza em que me achava, ainda em estado analectico de uma operação melindrosa a que me submetteu o insigne cirurgião dr. Francisco de Toledo.

Já lá se vão mais de 6 annos que o meu amigo Dutra se acha no repouso bemdito da sua sepultura ; mas o seu nome ahi está brilhando com a mesma vida que elle viveu, não só no patrimonio artistico que deixou, como na próle que sabe cumprir com fidelidade, pelo trabalho e pelo talento, a ordem esculpida no Decálogo : *honrarás teu pai e tua mãe.*

Mas o lado mais importante da vida de Joaquim Dutra está no exemplo que elle deixou da sua energia como auto-didacta ; pois que a maior parte (quasi toda) da sua envergadura artistica elle adquiriu por si mesmo, á custa quasi exclusivamente do seu proprio esforço, sem ter feito um curso regular de bellas artes num tempo em que ninguém cogitava de uma lei de pensão official aos artistas que se quizessem aperfeiçoar na Europa.

Não ha livro de moral, não ha melhor conselheiro neste mundo para a mocidade «alegre e prodiga de gōsos», do que o exemplo de quem passou pela vida e venceu o que quiz sem ter uma só mão que se lhe extendesse generosa e amiga.

Além do mais, Dutra tinha uma esposa e uma próle não pequena, precisando assim repartir o seu tempo entre as responsabilidades de chefe de familia e o estimulo incontrastavel dos verdadeiros artistas para tudo quanto é relativo á cultura da Estética num meio tão atrazado onde por vezes se dão factos de uma grosseira cavallar para com artistas, como si fossem uns malandros ou vagabundos indignos de oferecer sequer uma flôr a uma donzela.

Tenho a tal respeito uma prova (e felizmente uma só) que é capaz de espantar até um frade de pedra e de fazer corar até uma perna de mesa.

Triste neste mundo é a vida do artista que já nasce com a cruz do ideal sobre os ombros e tem de carregá-la *usque ad supremum exitum!*

Faz quasi 6 annos que Joaquim Dutra está livre dessas imperfeições do mundo, mas sempre vivo no coração dos amigos e daquelles que têm capacidade sufficiente para dar a medida do seu valor na tra-

jectoria luminosa da sua admiravel capacidade como esteta que foi.

Óleo de JOÃO DUTRA



Tela de 1928

Coleção de Tácito Alves

Rodrigues. +

Dimensões da tela: 0,60 X 0,37

Data da foto: 03/08/1974.

"Recanto de Dispensa" de João Dutra.



Do livro "Pintores Contemporâneos de São Paulo"

Aquarela de PAULO DUVAL



Dimensões : 0,40 X 0,33

Assetura: canto direito baixo

Retrato de Dona Leoner Lapa Álvares Lebe

Henrique Miranda

D. Adélia Miranda e
PAULO DUVAL

Época: 1902

D. Henriqueta Miranda Duval
e c. geração

Coleção de Dona Anita e Celso Maria

de Melo Pupo



Sol. VII 408-409

Dr. Jerge Miranda, c 1º c D. Henriqueta Scerrar, c 2º c D. Elisa Azevedo

D. Adélia Miranda c c
PAULO DUVAL

Renate Miranda

D. Henriqueta Miranda Duval
c c geração

D. Jergina Miranda c 1º c Eliseu Cardia
c 2º c Jerge Passes

Nenê Cardia

Aquarela de PAULO DUVAL



"Praia do José Menino" - Santos SP

Época: 1902

Coleção Annita e Celso de Mello Pupo

Dimensões: 0,28 X 0,18

Escola - Salvador

Notícia "A Gazeta" 31-VII-1878

Retrato Henrique de Barcelos - "Gazeta" 17-XI-1878

Retrato Barão e Baronesa de Três Rios - "Gazeta" 3-XI-1878

Retrato José Franco de Andrade - "Gazeta" 22-XI-1878

Retrato João F. de Andrade Franco - "Gazeta" 22-XI-1878

Notícia retrada para a Europa - "Gazeta" 1-VI-1879

Coleção da Sta Casa, nº 55, 56, 57 e 58

Na Pinacoteca do Estado "Retrato de A. Moreira de Barros"

Retrato de Bento Quirino dos Santos - "Gazeta" 24-VIII-1878

MUSEU ARQUIDIOCESANO DE CAMPINAS

Rua Aquidabã N.º 734

13.100 - Campinas - S P



dimensões - alt - 0,80 x 0,68

assinatura

VISCONDESSA DE CAMPINAS (Maria Luíza de Sousa Franca) 1795-1879

Tela de Salvador ^{de} Escolá - 1874

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa -



A VISCONDESSA DE CAMPINAS

Tela de Salvador Escelá, de 1878

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.



MUSEU ARQUIDIOCESANO DE CAMPINAS

Rua Aquidabã N.º 734

13000 - Campinas - S. P.



MARQUÊS DE TRÊS RIOS (Gozguim Egidio de Sousa Aranha) 1821 - 1893

Tela de Salvador *Alcolá* - 1874

Coleção da Irmandade de Misericórdia

de Campinas - Santa Casa -